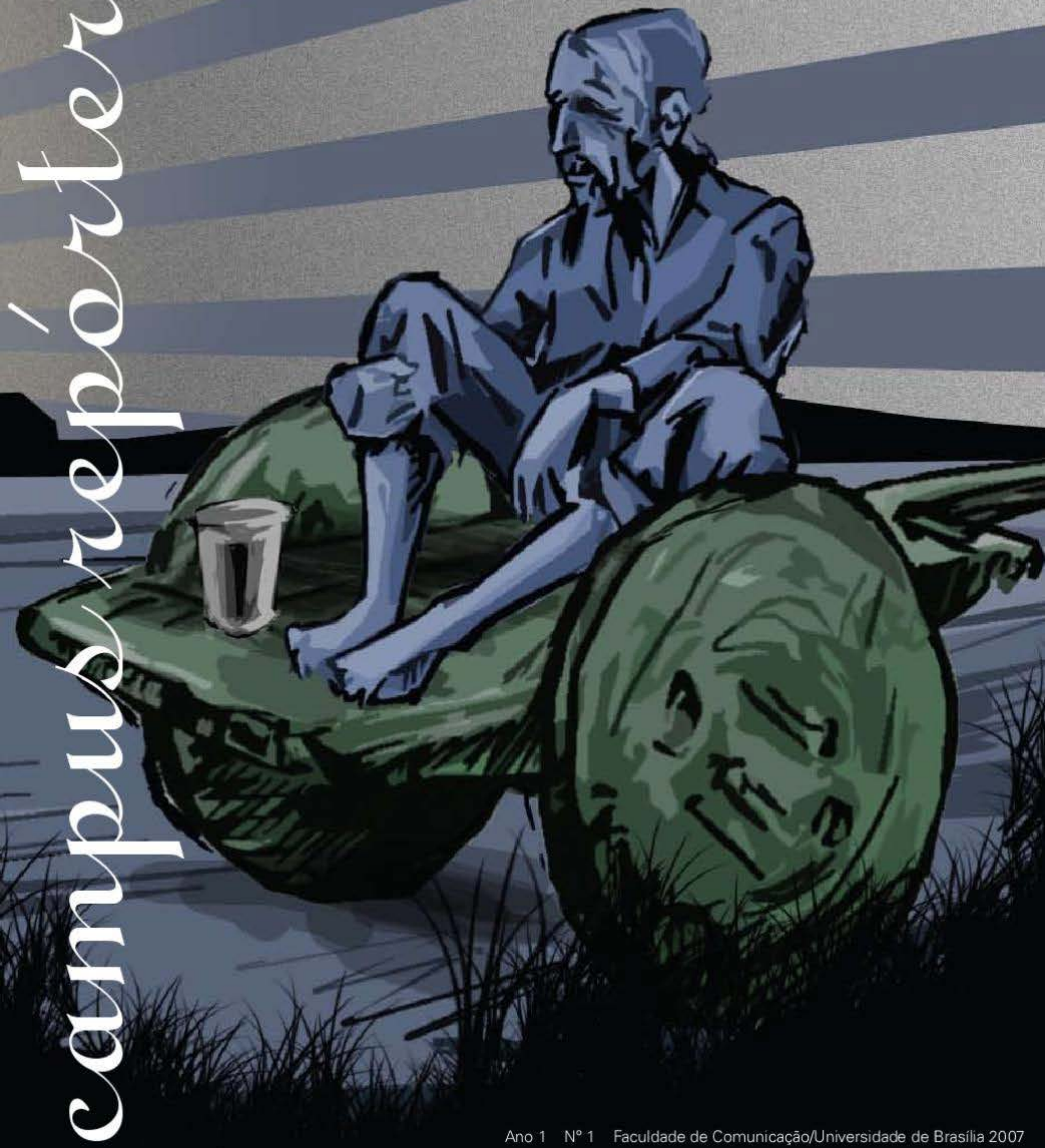
1

campo grande



Ano 1 Nº 1 Faculdade de Comunicação/Universidade de Brasília 2007

Cor, cheiro, movimento e informação

- Mas, reportagem é um gênero em extinção!

O alerta amigo de um jornalista com mais de 20 anos de profissão, sobre a iniciativa de nosso curso de jornalismo de criar a revista Campus Repórter, reflete uma "sensação" que paira sobre as redações: a grande reportagem está morrendo. Poucos profissionais – e veículos – investem, hoje, nesse trabalho detalhista, precioso e caro.

Com tal escassez, como oferecer exemplos interessantes à jovem equipe de alunos selecionados para mergulhar nessa aventura? Na primeira reunião, cada um recebeu para ler um volume encadernado, poeirento, de revistas Realidade (produzidas pela Editora Abril em meados dos anos 1960). O grupo também foi apresentado ao projeto editorial, "uma publicação de reportagens produzidas com profundidade e originalidade ... para ler, fazer pensar e guardar como referência". Antes de elaborar as pautas, os alunos foram convidados a (re) ler Machado de Assis – o escritor, de O Alienista, e o repórter, de O Velho Senado – e Graciliano Ramos – de Vidas Secas; a olhar o mapa e conhecer as distâncias e diferenças do Brasil.

Em pequenos grupos, ou mesmo sós, seguiram para o sertão da Bahia, para o interior do Acre e de Goiás, pelos corredores do Senado Federal, pelos espaços amplos da Universidade de Brasília. Também andaram pelas esquinas de São Paulo, onde foi feita a entrevista desta edição, com o repórter Zé Hamilton Ribeiro, 74 anos, que desde a cobertura da Guerra do Vietnã, para a Realidade, nunca abandonou o front da reportagem e foi eleito o padrinho da nossa revista.

Na volta à redação, os repórteres, na faixa de pouco mais de 20 anos, produziram os textos, dezenas de vezes reescritos, num processo minucioso de lapidação. A poeira, a parabólica no meio do nada, o processo de construção de um personagem. Tem que ter cor, cheiro, movimento, informação. À equipe de diagramadores coube o desafio de dar forma a tudo isto.

Esta edição que você tem em mãos é o primeiro exercício, que pretendemos repetir pelo menos a cada semestre. Acreditamos que nosso papel também é preparar jovens para ir a campo, em busca de uma grande reportagem.

Expediente

Professores orientadores
Direção de Redação
David Renault

Edição Executiva
Márcia Marques

Editora-chefe
Rosa Pecorelli

Direção de Arte
Célia Matsunaga

Direção de Marketing
Edmundo Dantas

Alunos
Secretária da Redação
Bárbara Lins

Repórteres
Alan Borges, Bárbara Lins, Bernardo Menezes, Eduardo Rodrigues, Fernanda Lara, Guilherme Rosa, Juliana Poletti, Malu Barsanelli, Marcelo Parreira, Nair Rabelo, Pollyane de Oliveira

Revisão
Bernardo Menezes, Eduardo Rodrigues

Fotografia
Sofia Fernandes

Projeto Gráfico
Maida Augusto, Maria Luiza Lima, Pedro Daniel, Taline Barros, Thaíse Torres

Direção de Arte
Maria Luiza Lima

Capa
André Lins Bonfim

Projeto de Marketing
Valter Rosa e Núbia Castro

Suporte de Informática
Pedro França

Diretor: David Renault
Departamento de Jornalismo: Thaïs de Mendonça Jorge
Departamento de Publicidade: Suzana Madeira Dobal
Endereço: Campus Darcy Ribeiro, Faculdade de Comunicação, ICC Ala Norte, Caixa Postal: 04660. CEP: 70 910-900

Colaboradora
Rosângela Vieira Rocha
Anderson Schneider
www.andersonschneider.com

Ilustradores
Luciana Aguirre
www.fotolog.com/lucyaguirre
61 8127 0148

André Lins Bonfim
alb206@hotmail.com
61 8464 6180

Eudaldo Sobrinho
eslsobrinho@gmail.com
61 8118 6344

Virgílio Neto
www.flickr.com/photos/virgilioneto/
61 9974 2148

Fotógrafos
Raissa Coe
Sandra Pontes

Agradecimentos
Adriano Guimarães, Alberto Poletti, André Araújo, Cecília Ribeiro, Cenira Fernandes Silva, Dalvo Queiróz, Danilson Ramos, Fernando Guimarães, Funcionários da FAC, Hugo Rodas, Juliano Cazarré, Liliana Carvalho Pires Oliveira, Marcelo Feijó, Marcos Magalhães, Pedro Martins, Raimundo Silva (Seu Mundinho), Rosanna Viegas, Samir Rahamtalla, Secretaria de Comunicação da UnB, Sérgio Maggio, Silvia Faria, Sonia Paiva, Zé Luiz Silva.

Ao deputado Fernando Melo patrocinador da matéria Velhas Pragas Modernas.

Campus Repórter é uma publicação, produzida por professores e alunos das disciplinas *Oficina Avançada de Jornalismo*, *Oficina Avançada de Diagramação* e *Administração Publicitária* da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília.

Contatos
(61) 3307-2464

Impressão
Gráfica Athalaia

Tiragem
4.000 exemplares

12 ⋞ No paredão

4 ⋞ Pragas Modernas

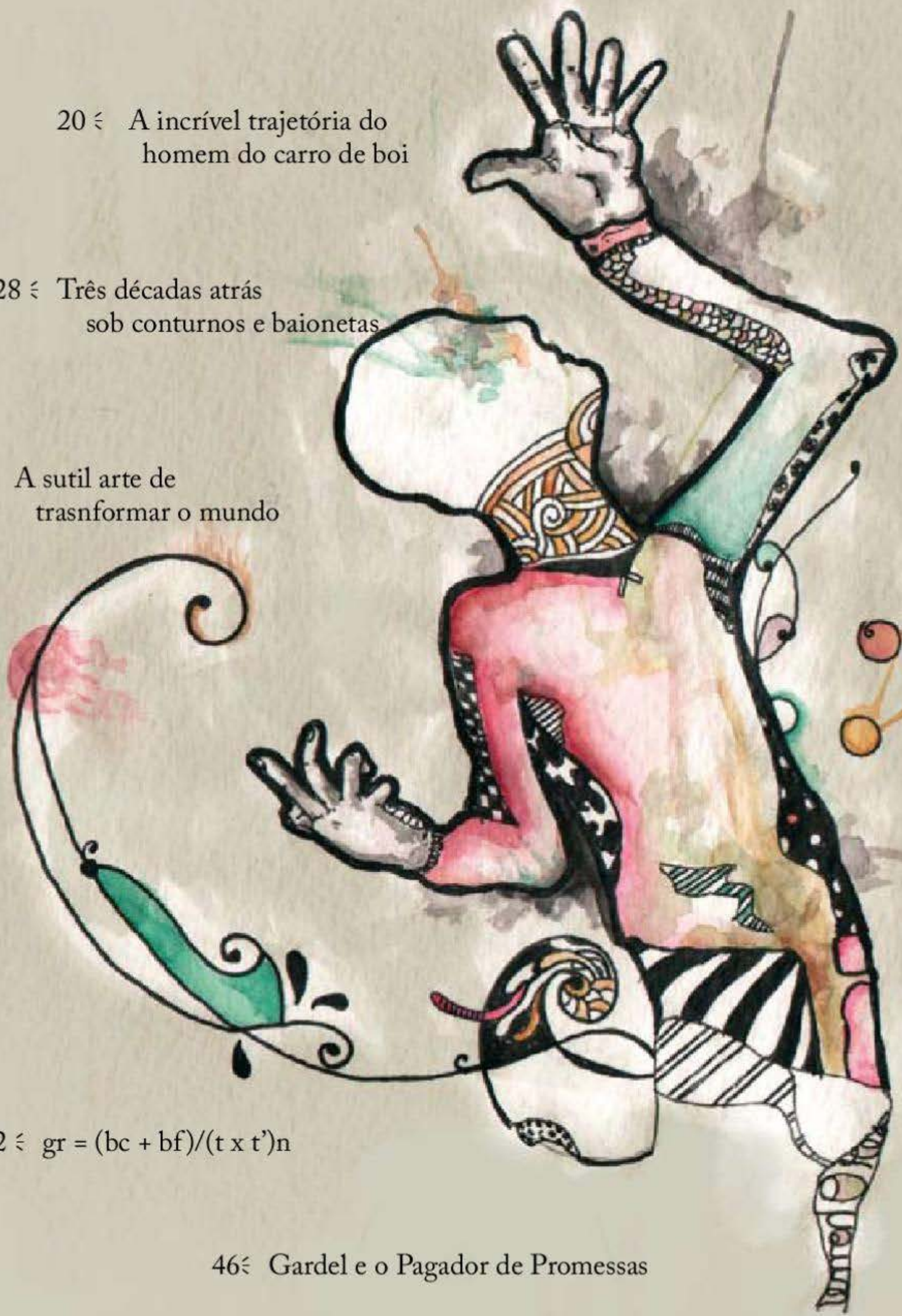
20 ⋞ A incrível trajetória do homem do carro de boi

28 ⋞ Três décadas atrás sob conturnos e baionetas

34 ⋞ A sutil arte de trasnformar o mundo

42 ⋞ gr = (bc + bf)/(t x t')n

46⋞ Gardel e o Pagador de Promessas



Progresso é desordem por definição. Não há como criar, construir, conquistar, desbravar, sem provocar certo desequilíbrio. As doenças endêmicas são manifestações latentes desses problemas. As mais conhecidas entre essas doenças surgiram na antiguidade e ainda não conseguimos nos livrar delas porque a necessidade de progredir é cada vez mais intensa e complexa.

Pragas como malária, hanseníase e dengue surgiram como efeito colateral das primeiras atividades humanas de subsistência, por exemplo, o domínio da agricultura, do extrativismo e a construção das cidades. Juntas essas doenças somaram 850 mil ocorrências em 2006 e representam uma despesa anual de 800 milhões de reais.

Ironicamente, essas doenças, tão antigas e, mesmo assim, tão presentes porque se nutrem do progresso, são as que mais ameaçam a lógica de vida moderna por ainda fazerem tantas vítimas. Considerada um dos fatores de crise do Império Romano, no século III, a malária, atualmente, mata mais de um milhão de pessoas no mundo, número inferior apenas aos óbitos recorrentes da infecção pelo vírus da aids. Cada doente de hanseníase – a doença símbolo do castigo divino – é capaz de infectar, em média, 10 pessoas saudáveis. Os cálculos da Organização Mundial de Saúde (OMS) são de 200 mil novos casos mundiais ao ano. Estima-se que mais de três milhões de pessoas no Brasil tiveram Dengue – a doença importada pelos escravos africanos -- desde 1998, totalizando 35% dos casos somente nos últimos 15 meses.

O sistema de saúde pública esforça-se para derrubar os números cortando a cadeia de transmissão. Mas, como o progresso desordenado continua alimentando as pragas, o desafio do país para erradicar as doenças é maior do que apenas distribuir remédios: é preciso encontrar o meio termo entre o progresso e a vida saudável.

Velhas Pragas modernas

Reportagem Fernanda Lara
Ilustração André Bonfim

O dia está claro às quatro e meia da manhã na floresta amazônica. Apesar de o relógio denunciar a madrugada, o sol é o mesmo para todos. E, em Brasília, são sete e meia.

A essa hora, os primeiros quebradores de tijolos começam a trabalhar. No estado do Acre, quem quiser fazer concreto, tem que quebrar tijolo velho até ficar do tamanho de brita. Lá, como dizem, não tem pedra nem para remédio. Essa também é a hora em que as primeiras embarcações chegam ao Vale do Juruá, bem no meio da floresta amazônica, distante 700 quilômetros da capital, Rio Branco.

Depois de duas semanas chovendo religiosamente, o rio subiu e cobriu as estradas. Durante os próximos nove meses qualquer pessoa ou mercadoria para entrar e sair do Juruá, só se for de barco ou avião. Quem vê o dia nascer nesta região nem imagina que há dois anos praticamente tudo estava parado por causa da malária, reconhecida como uma emergência de saúde pública.

Do cristão pentecostes ao forrozeiro pé-de-serra; morador da cidade ou da mata fechada, o mosquito não fazia distinção: as pessoas mal terminavam de tomar o remédio e já caíam novamente doentes.

Em 2005, esse estado foi campeão brasileiro com mais de 600 mil casos registrados. Aumento de 500% em relação ao ano anterior. Contraditoriamente, a intenção de melhorar a vida das pessoas foi o motivo que levou a explosão da malária. O governo estadual criou açudes perto das casas para a criação de peixes visando à subsistência. As famílias que participaram do programa receberam treinamento sobre tratamento da água e técnicas de psicultura.

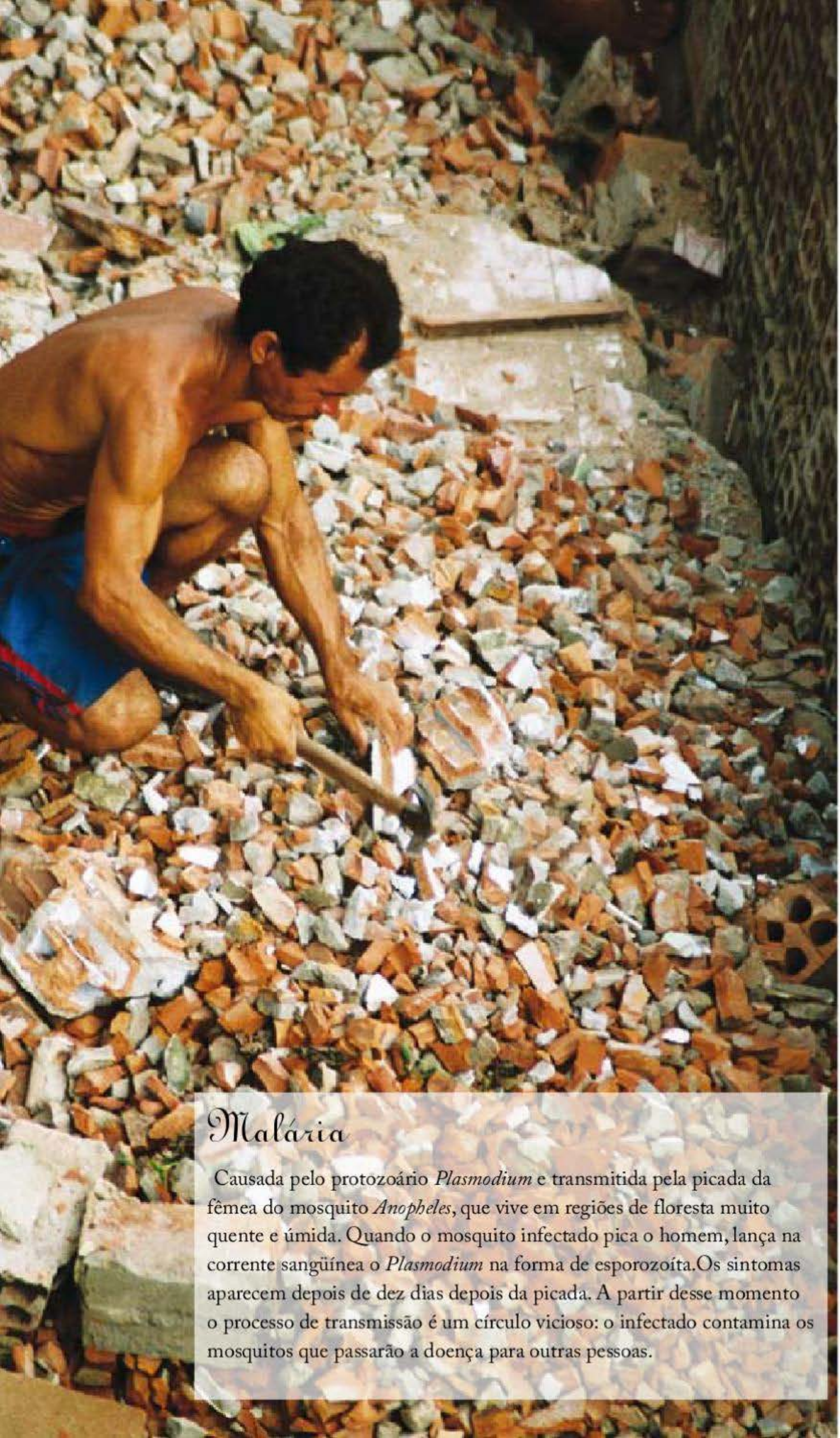
Dos trezentos açudes que foram abertos na primeira fase do programa, apenas 5% funcionaram. O resto virou um buraco de acumular água e proliferar o mosquito da malária, segundo analisa José Lázaro Ladislau, Coordenador Nacional de Combate à Malária do Ministério da Saúde. Para ele, o erro do projeto foi não levar em consideração a cultura da região. "A idéia é reconhecidamente louvável, mas a população está acostumada com assistencialismo. Se não der o peixe pronto, eles não vão querer pescar", afirma.

A casa de Genuíno Alves, 62 anos, tem na lateral um desses açudes que acabaram abandonados. A idéia inicial era fazer economia. "A gente tendo um açude cheio de peixe, a gente come e tem uma grana (dinheiro)... porque sem uma grana é que fica complicado", justifica. Depois que a mulher e as duas filhas foram morar no município de Rodrigues Alves – e ele ficou por não se acostumar ao barulho da pequena cidade –, desistiu de criar peixes.

Para consertar os problemas que surgem na tentativa de sanar outros – e progredir – foi preciso mudar a forma de estruturar o trabalho do sistema de saúde. Antes, sempre que aparecia um surto de malária o Ministério da Saúde montava uma força tarefa. Quando a situação melhorava, o trabalho era interrompido. Depois dos índices de 2005, Ladislau afirma que o novo lema é continuidade na vigilância da saúde. "Como o plasmódio só se reproduz no corpo humano, quanto mais doentes existem, mais doentes existirão", explica.

Baseada, por exemplo, em programas de vacinação e campanhas publicitárias de prevenção, a vigilância tradicional não é suficiente para combater a malária. Esta doença é muito sensível a qualquer alteração ambiental e, principalmente, às dinâmicas sociais. Por isso, continuidade nos trabalhos da equipe de saúde, no caso da malária, significa uma caça para tratar os infectados nas 48 horas seguintes à picada.

No Juruá, existe o otimismo de controle definitivo da doença porque 68% dos infectados são medicados nas primeiras horas, o que quebra a cadeia de transmissão. Isso, graças ao trabalho dos agentes de saúde que passam diariamente na casa das pessoas. Eles colhem lâminas para fazer



Mais que uma doença a malária é um fenômedo cultural. Tão assustador quanto essa realidade é o fato de ter que se quebrar tijolo para substituir a brita na construção civil. O trabalhador ao lado recebe 1 real por cada latão de tinta que ele enche de pedacinhos de tijolo.

Malária

Causada pelo protozoário *Plasmodium* e transmitida pela picada da fêmea do mosquito *Anopheles*, que vive em regiões de floresta muito quente e úmida. Quando o mosquito infectado pica o homem, lança na corrente sangüínea o *Plasmodium* na forma de esporozoíta. Os sintomas aparecem depois de dez dias depois da picada. A partir desse momento o processo de transmissão é um círculo vicioso: o infectado contamina os mosquitos que passarão a doença para outras pessoas.

exame de sangue. Todo o fim de dia esses agentes voltam a casa daquelas pessoas que o exame constatou a infecção para dar o medicamento.

Uma amostra do resultado desse trabalho é o que conta os 33 alunos do segundo ano do ensino médio numa escolinha feita apenas de teto e sustentada por troncos de madeira. Todos eles tiveram malária pelo menos dez vezes. Mas, nos últimos 11 meses, apenas dois jovens ficaram doentes.

Perceber que quase nenhum dos alunos gritou "eeeeu!" quando perguntaram quem já tinha pegado malária neste ano, foi a marca da vitória para os agentes que muitas vezes trabalham em condições tão adversas, por vezes desanimadoras. Francisco Julião, de 40 anos, é agente há três anos. Ele passa apenas dois dias do mês com sua família em Rodrigues Alves e, mesmo assim, sente orgulho por fazer a diferença.

"Quando a gente tá doente mesmo é muito ruim. Você sofre pra caramba na sua localidade, muitas vezes pedindo a Deus que chegue uma pessoa pra lhe dá um socorro, né! Então, nós estamos trabalhando pra isso", compartilha Franscisco.

Os resultados, no entanto, não podem ofuscar o que ameaça os avanços conquistados na luta contra a doença. O trabalho do Ministério da Saúde é acabar com os efeitos da malária. Mas ainda falta eliminar a fonte da doença. A existência da malária se consolida por fatores culturais: é uma doença ligada à pobreza e à falta de perspectiva.

As famílias vivem na floresta. Os filhos estudam até a série que a escola próxima da localidade oferece. Por causa da atenção que o governo do estado deu à educação, é difícil encontrar analfabetos e muitas escolas oferecem turmas até o fim do ensino médio. Mas poucos querem chegar lá.

Não existem opções de trabalho. O dia-a-dia é uma busca pela sobrevivência. Ou na casa de farinha, ou na pescaria. Os seringais não são mais economicamente nem ecologicamente viáveis. A agropecuária destrói a floresta e a agricultura está longe demais dos pólos industriais brasileiros para se tornar rentável.

Só que o cenário está para mudar. Por causa do potencial da floresta, a população do Norte ganha visibilidade. Cada vez mais planos de investimentos, tanto governamentais quanto da iniciativa privada, falam em uso sustentável dos recursos da Amazônia. Mas a malária ainda persiste como um empecilho para qualquer atividade.

Na coordenação do combate à malária, Lázaro Ladislau, defende: "Precisamos de maturidade política. A malária não deve ser vista como um problema do Ministério da Saúde, mas da Fazenda, do Desenvolvimento, da Integração Nacional."

"Quando a gente tá doente mesmo é muito ruim. Você sofre pra caramba, muitas vezes pedindo a Deus que chegue uma pessoa..."

Dengue

O mosquito *Aedes aegypti* precisa de sangue para maturar os ovos dos futuros mosquitos. Quando ele pica o homem, pode transmitir quatro tipos de vírus, com o período de incubação de cerca de cinco dias. Um dia antes do início da febre, até o sexto dia da doença – que dura, em média, uma semana – o homem retransmite o vírus ao ser picado de novo. Uma pessoa não pode infectar outras, pois somente no corpo do mosquito o vírus consegue se multiplicar.

No período de janeiro a setembro de 2007 foram registrados 481.316 casos de dengue clássica, 1.076 casos de febre hemorrágica e a ocorrência de 121 óbitos.

O último relatório do Ministério de Saúde, publicado em novembro de 2007, aponta que 43% dos casos de Dengue foram registrados nos municípios de até 100 mil habitantes. O coordenador do Programa Nacional de Combate à Dengue, Fabiano Pimenta, culpa outros setores do governo pelo descontrole da doença. "Nessas regiões faltam saneamento básico e os agentes de saúde não tem com a cooperação local para entrar nas comunidades. É preciso integrar ações de desenvolvimento, educação e saúde."Mas é criticável o argumento que se baseia nas ações citadas pelo coordenador como a solução. Afinal, há um consenço de que a maioria da população já ouviu falar na dengue e sabe como prevení-la. Palavras do próprio ministro da Saúde, José Gomes Temporão, elegeram a dengue como o desafio da sua gestão. Em nota para o *Campus Repórter* ele diz que falta compartilhar esse desafio com outros setores da sociedade."As mudanças sócio-ambientais ocasionadas pelo crescimento urbano, de modo acelerado e desordenado são favoráveis à expansão da dengue. Métodos tradicionalmente empregados no combate à doença são centrados no controle químico e não estimulam mudanças de hábitos. A limitada participação da comunidade e a falta de ações intersetoriais, mostraram-se, no mundo todo, incapazes de impedir a expansão da doença. O controle da dengue dá-se essencialmente no nível coletivo e exige um esforço de todos."

O ministro Valmir Campelo, do Tribunal de Contas da União, relator de uma investigação sobre a aplicação das verbas no combate à dengue está cético com os trabalhos por causa da falta de objetividade do planejamento para gerenciar uma crise. "O discurso é despreocupado e vago. Assim como as campanhas. Eles (órgãos de saúde) não sabem se fazem propaganda ou se colocam agentes nas ruas. E a dengue vai ganhando espaço", alega.

Hansenísase

É provocada por um bacilo chamado *Mycrobacterium leprae* e transmitida pelas vias respiratórias dos infectados. Existe em quatro formas, sendo que apenas duas são transmissíveis. O bacilo ataca o sistema neuromuscular, geralmente dos braços e pernas, limitando a força e os movimentos.

O organismo possui defesas próprias contra o desenvolvimento da doença, e apenas 10% da população não consegue eliminá-la naturalmente. É preciso que a pessoa tenha contato íntimo e freqüente com o infectado. O período de incubação é de três a cinco anos, e mesmo antes do aparecimento dos primeiros sintomas, a pessoa infectada produz e transmite o bacilo. Não há restrição geográfica ou climática para sua transmissão ou sobrevida.

"Bendita seja a hanseníase que me fez conhecer meus pais", confessa Antônio Cláudio. Até 1947, quando tinha oito anos de idade, tudo o que sabia dos pais era o Torres do sobrenome. E o fato de serem leprosos. Naquele ano apareceu a primeira mancha no corpo do menino. Depois da confirmação médica, a polícia sanitária veio buscá-lo. Antônio foi levado de Belém do Pará, onde morava em uma creche com seus dez irmãos, para a Colônia do Prato, a 110 quilômetros da cidade.

Pela primeira vez ele entendeu o que era ter lepra, nome que a hanseníase é mais conhecida. Pessoas mutiladas, rostos transfigurados, isoladas para não chocar o mundo. E ficou assombrado. Até que uma enfermeira prestou atenção naquele garoto que chorava muito. Depois de alguma investigação, ela descobriu que os pais de Antônio estavam vivos e moravam em outra colônia, Marituba, dentro de Belém.

Entre 1947 e 1950, o menino morou com os pais, dona Isnina, amazonense, e seu Antônio Eufrázio, de Belém, que conseguiram um tratamento completo para o filho. Mesmo recluso numa instituição para portadores de hanseníase, não havia garantia que o doente fosse devidamente tratado. "Eles diziam que eu não estava lá pra morrer, mas pra buscar vida nova", lembra Antônio. Quando voltou para a creche, recuperado, só dois de seus irmãos haviam sobrevivido.

Dez anos depois, Antônio foi contaminado novamente e internado naquela Colônia. E de lá não saiu mais. Por opção. Abraçou a causa das vítimas da hanseníase, extinguiu a colônia e a transformou num bairro, nos anos 1980, batizado de Dom Aricides, em homenagem ao frei que tomou conta do lugar e morreu da doença. Hoje milita no Movimento de Reintegração dos Portadores de Hanseníase. Ele esteve com o presidente Lula no final do ano de 2006 para pedir um auxilio que virou lei e entrará em vigor em 2008. As pessoas que ficaram presas nas colônias vão receber uma bolsa vitalícia de 800 reais por mês.

Ao tentar reparar erros do passado, o Brasil se depara com problemas do presente e desafios para o futuro: é o segundo país em número de casos registrados no mundo – 49% dos 200 mil –, segundo a OMS. A pesquisadora Euzenir Sarno, da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), aponta a falta de preparo dos profissionais de saúde como um dos agravantes do avanço da doença. Segundo pesquisas do Instituto, apenas 34% dos centros de saúde estão capacitados a detectar a doença.

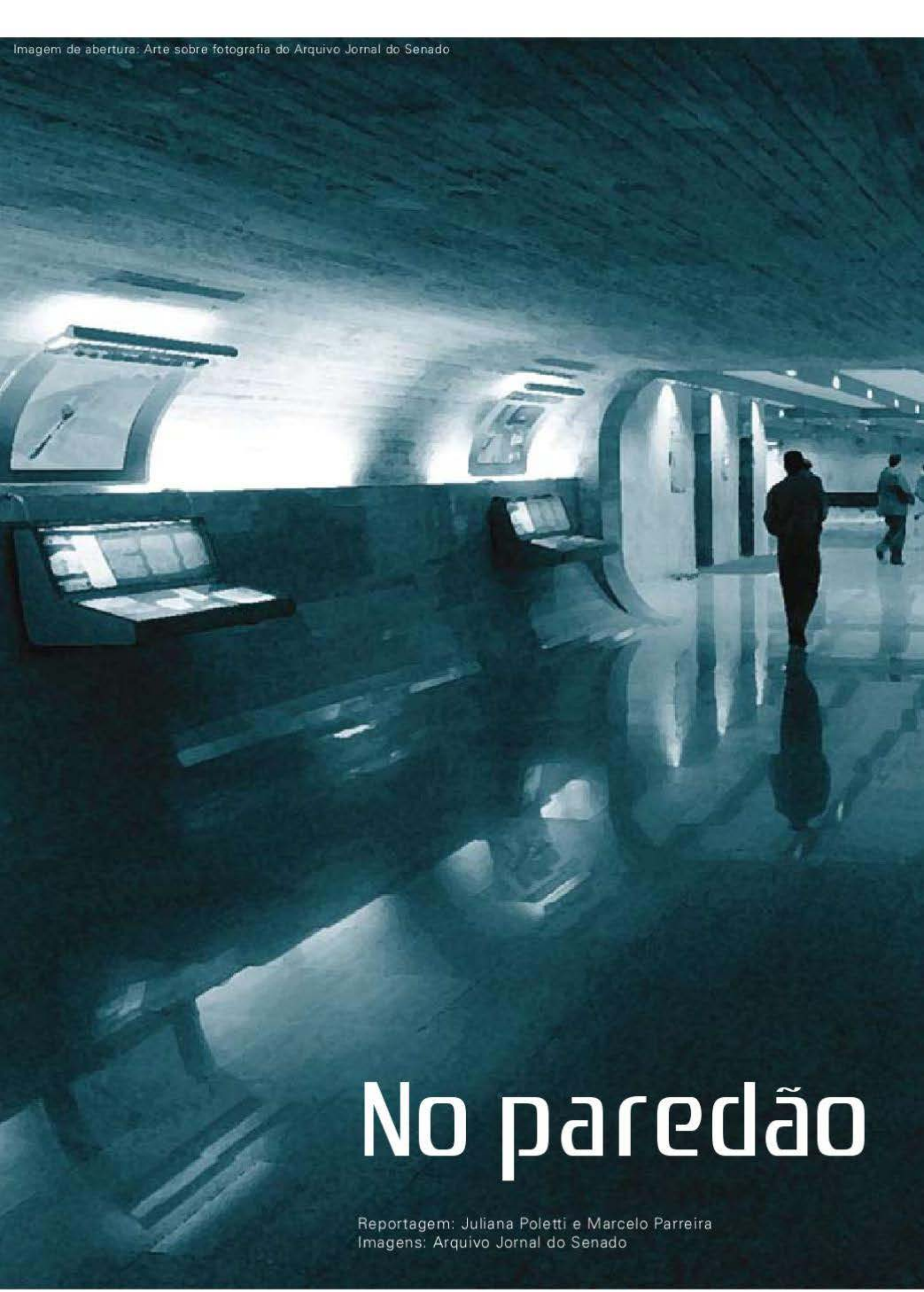
Ela explica que o diagnóstico é basicamente clínico. É preciso treinamento para olhar a mancha na pele e entender que se trata de hanseníase. "O tratamento precoce pode curar. Estamos muito longe de superar o problema e isso não se faz simplesmente com uma mudança de nome", enfatiza.

A falta de estímulo à pesquisa é o que inviabiliza o registro do comportamento de algumas formas da doença e a descoberta de novos tratamentos. Além disso, as campanhas – como a que foi lançada recentemente pelo governo federal de erradicação da hanseníase até 2010 – visam sensibilizar, não mobilizar as pessoas. "A publicidade não é suficiente para educar. Seria necessária a presença de agentes de saúde diariamente às comunidades para quebrar o preconceito e só então facilitar o acesso ao tratamento", acredita a pesquisadora. ♠

Passado e presente se encontram. A dificuldade de segurar a própria foto denuncia um final que poderia ter sido diferente.

A foto, de autoria de Anderson Schneider pertence a um ensaio fruto de uma epoéia pelas 23 colônias de Hanseníase ainda ativas no Brasil.

Imagem de abertura: Arte sobre fotografia do Arquivo Jornal do Senado



No paredão

Reportagem: Juliana Poletti e Marcelo Parreira
Imagens: Arquivo Jornal do Senado

"Em política, a primeira coisa que se perde é a liberdade".

Machado de Assis, em Quincas Borba, final do século XIX

Cronista político na capital do Brasil na transição entre Império e República, o escritor Machado de Assis foi jornalista do *Diário do Rio de Janeiro* e da *Gazeta de Notícias*, credenciado para a cobertura do Senado. Indicados pelo Imperador ou eleitos pela República, eram senadores por toda a vida. "A vitaliciedade dava àquela casa uma consciência de duração perpétua", descreve Machado, em 1860, na crônica *O velho Senado*.

O futuro criador – e presidente – da Academia Brasileira de Letras relata o discurso específico do senador Eusébio de Queiroz, natural de Angola, representante do Rio de Janeiro: "não foi discurso de ataque, mas de defesa. Falou na qualidade de chefe do Partido Conservador, ou papa ... tratava-se de explicar e defender o acúmulo de cargos públicos, acusação feita na imprensa de oposição".

Em uma crise gerada por denúncias na imprensa, o senador Renan Calheiros, até recentemente presidente da Casa, foi à tribuna várias vezes justificar-se por ter despesas pessoais pagas por um lobista. Novas denúncias, a maioria produzidas pela revista *Veja*, levaram o parlamentar a um discurso de ataque, contra o Grupo Abril, que edita a publicação.

A cobertura dos jornais, à época de Machado, incluía, além das crônicas, a publicação das atas das reuniões – pelo *Jornal do Commercio*, o terceiro mais antigo da América Latina – e de caricaturas políticas. "A maior parte da população era iletrada; as questões políticas eram tratadas não apenas pelo que as pessoas liam, mas também pelo que viam", ressalta Marcos Magalhães, historiador, consultor legislativo do Senado Federal.

Antes marcada por traços franceses, a caricatura abrasileirou-se pelas mãos de um italiano. Ângelo Agostini criou estilo e fundou a *Revista Illustrada*, um dos veículos mais críticos ao Senado e aos políticos da época. "Existia uma maestria, uma habilidade impressionante de fazer uma leitura de acordo com a lente popular", analisa o historiador Celso da Fonseca, da Universidade de Brasília.

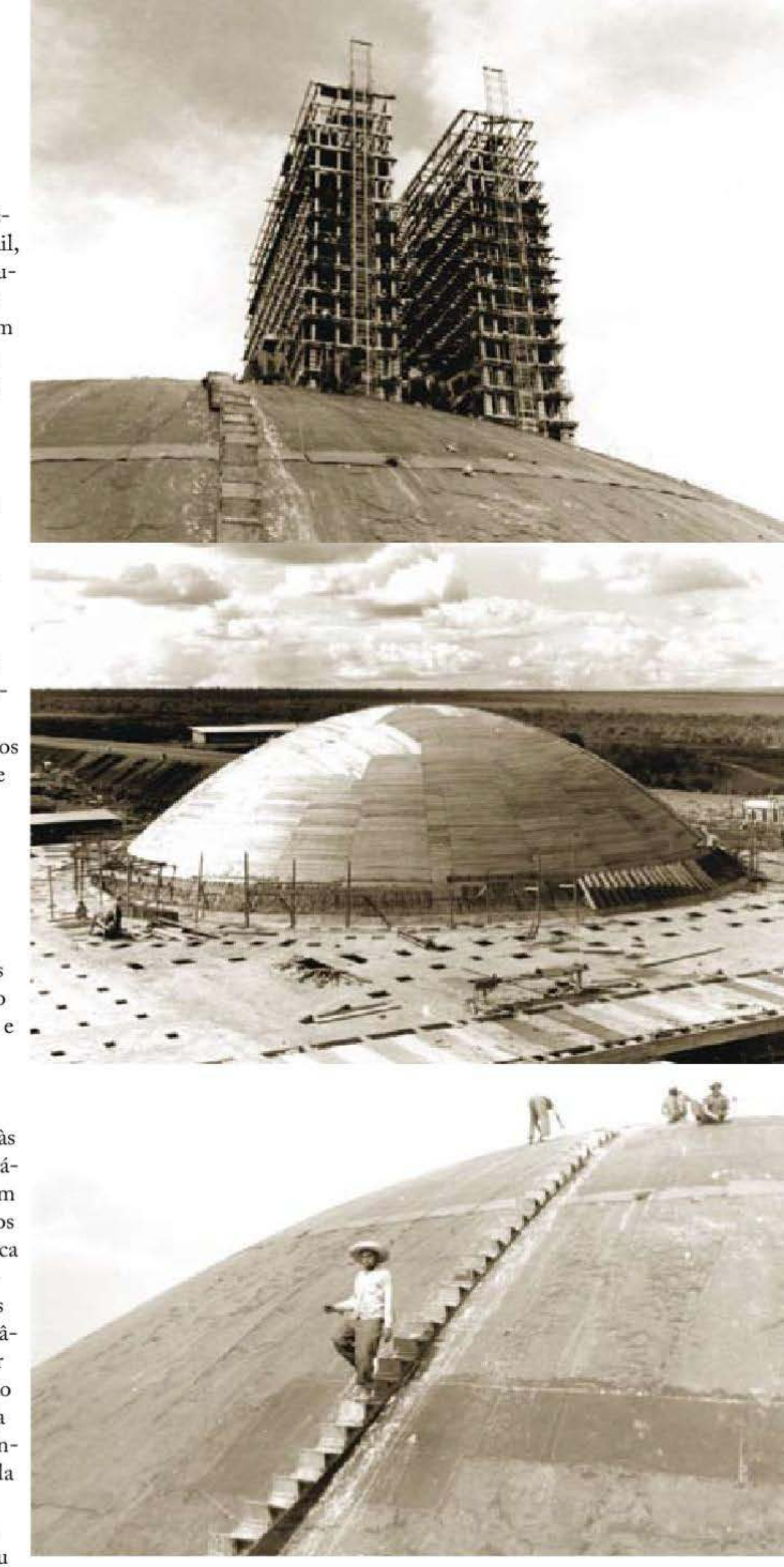
No século XIX, dos cronistas Machado e Bernardo Guimarães – escritor e jornalista decano do *Jornal do Commercio* – nasceram a propaganda, o telefone, o telegrama e o cabo submarino. No século XX, a aceleração é mais

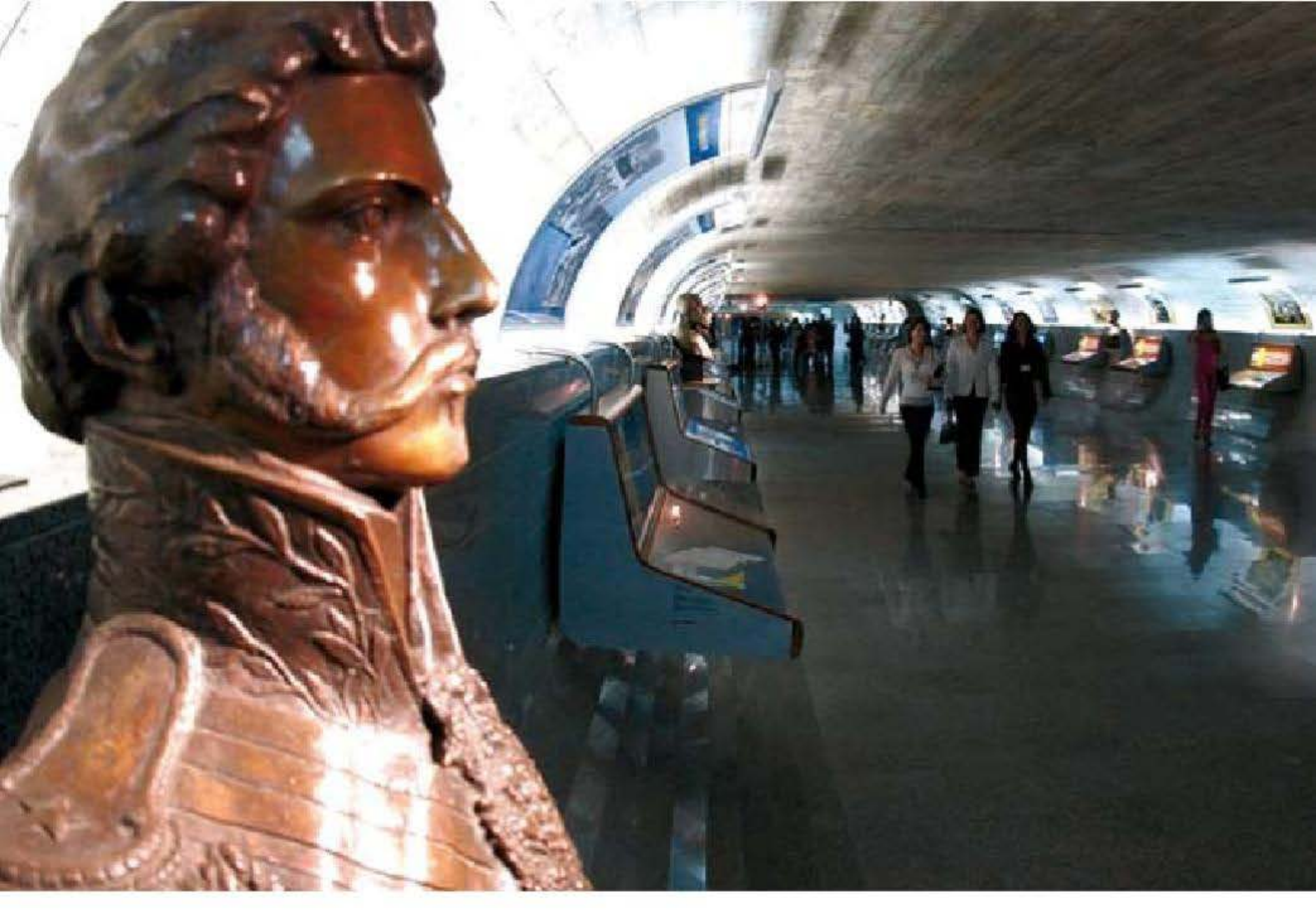
acentuada, principalmente após a década de 50, com a chegada do cinema, rádio, televisão, vídeo, internet, e-mail, edição não-linear. Neste século XXI, experimentam-se as interações do meio digital em nível global, com nomes em inglês: *reality shows*, *youtube*, *blogs*, *flogs*, *second life*.

No campo político, neste período entre o final do século XIX e início do XXI, o Brasil passou de Império a República, experimentou o parlamentarismo, firmou-se presidencialista; viveu grandes rupturas – com as ditaduras de Getúlio Vargas e dos militares – e importantes movimentos de caráter popular. Estes acontecimentos repercutiram no Senado, que chegou a ser fechado em 1937, no início da ditadura Vargas; e novamente em 1966, por meio de ato institucional, reaberto em 1967 apenas para aprovar a constituição outorgada pelos militares e eleger – em pleito indireto – o marechal Costa e Silva, presidente do Brasil.

Túnel do tempo

O longo corredor do Senado, que liga o Plenário às emissoras institucionais de rádio e tevê, transformou-se em galeria história exibindo fotos e cópias documentos de época nas paredes. Nele, uma multidão de jornalistas, munidos de microfones, gravadores, câmaras e celulares brigam por um pedaço de chão. Por meio da mídia, o Senado está cada vez mais exposto a idéias e influências externas. Sua cúpula convexa não mais protege a Casa, que já foi considerada "Sibéria da política", com seu





ambiente sisudo e resguardado. Mas nem sempre foi assim.

Desde o Velho Senado machadiano, o público tinha espaço na Câmara, "temporária", e raros momentos de acesso ao Senado, "vitalício". As funções do Senado, instituidas pela Constituição de 1988, justificam o distanciamento entre senadores e eleitores. À Câmara Alta compete processar e julgar autoridades como o presidente da República, o vice-presidente, ministros de Estado, ministros do Supremo Tribunal Federal nos crimes de responsabilidade.

Os senadores aprovam, após agüição pública, a escolha ministros do Tribunal de Contas da União, presidente e diretores do Banco Central, Procurador da República e chefes de missões diplomáticas de caráter permanente. O Senado também autoriza operações externas de natureza financeira, fixando os limites da dívida da União, do Distrito Federal, dos estados e municípios. Garantias para empréstimos externos da União tem que passar pelo aval destes parlamentares.

O distanciamento dificulta a relação dos senadores com a superxposição midiática propiciada não apenas pelas inovações tecnológicas, mas por uma mentalidade democrática no seio da sociedade. "O aumento da exposição dos senadores é uma tendência, que vai acontecendo naturalmente dentro de um Estado de direito", atesta o cientista político Robson Pereira.

Segundo a pesquisadora e jornalista Malena Rehbein Rodrigues, as tecnologias – como TV a cabo, satélite e computador – somadas à explosão demográfica resultaram na radicalização do movimento iniciado com a televisão, aumentando o espaço dos meios de comunicação na condução da sociabilidade humana. A realidade passa a ser construída via mídia. Malena, analisou a relação entre imprensa e Congresso Nacional do Brasil, numa dissertação de mestrado da Universidade de Brasília.

Dez anos depois do mestrado, Malena acredita ainda que os repórteres, ao competirem entre si, buscam algo mais para ter uma boa notícia. "O jornalista só se "cacifa" com o diferente, que consegue nos bastidores".

Para Jorge Bastos Moreno, diretor da sucursal do jornal O Globo em Brasília, a

cobertura da crise que envolveu o Senado em 2007 remete à que culminou com o impeachment do presidente – e hoje senador por Alagoas – Fernando Collor de Mello. "Esse processo (de cobertura política), que começou com a CPI do PC no governo Collor diz respeito ao interesse geral da sociedade pela atividade política, de saber o que os parlamentares faziam por nós com o nosso dinheiro", diz. Moreno, que também é professor de jornalismo, refere-se à Comissão Parlamentar de Inquérito que processou, julgou e condenou o então presidente. Ele era acusado de corrupção, por beneficiar-se da arrecadação ilegal de dinheiro feita pelo tesoureiro da campanha à Presidência, Paulo César Farias, na eleição de 1989.

Na CPI do Collor, o processo ocorreu no Senado, como ordena a Constituição, mas a crise estava instalada do outro lado da Praça dos Três Poderes, no Palácio do Planalto. Em 2007, as acusações pesaram sobre o presidente da Casa, o senador Renan Calheiros, de Alagoas. Assim como no caso Collor, as denúncias se tornaram públicas pela imprensa.

Não só a mídia tradicional contribui a exibição do escândalo, em computadores, televisores, aparelhos de DVD ou celulares. No primeiro julgamento do senador Renan Calheiros, em novembro deste ano, no qual o parlamentar foi absolvido em reunião secreta, o sistema de informática do Senado travou em decorrência do volume de e-mails enviados aos senadores.

A Casa, exposta a todas as lentes da imprensa, submete-se também à resposta do público. Lembra o Big Brother. Não o imaginado na década de 1940, pelo escritor britânico George Orwell, no livro 1984. Naquele contexto, o Estado mantinha, por meio de teletelas, o controle sobre qualquer movimento dos cidadãos. É o Big Brother criado pela empresa holandesa Endemol, que filma um grupo de pessoas confinado dentro de uma casa 24h por dia.

"Em tese, todos os poderes deveriam ser submetidos a um bom big bother, no bom sentido", afirma o jornalista Ruy Nogueira, secretário de redação do jornal O Estado de S. Paulo da sucursal de Brasília. Para ele, só não é admissível que, "em nome do máximo de transparência, a gente chegue ao ponto

Rui Barbosa, Machado de Assis e Joaquim Nabuco, Barão do Rio Branco

de caçar direitos de defesa".

No *reality show* da televisão, os participantes podem ser expulsos do programa pelos telespectadores, que votam por telefone ou internet em quem deve sair ou ficar na casa. Quem desagrada o público pode parar no "paredão" para se submeter ao julgamento popular. Embora a casa pareça totalmente exposta ao público, tudo que é filmado é também editado. O que favorece uns, prejudica outros e acaba por direcionar a opinião do público. A edição está presente em todas as mídias.

Luiz Gonzaga Motta, professor de jornalismo e coordenador do Núcleo de Estudos de Mídia e Política da Universidade de Brasília, avalia que, na atual "cultura da visibilidade" tem-se outra visão do parlamento. "Hoje a noção de corrupção é maior do que antes por causa da exposição na mídia". Ele defende que o Senado atual não é moralmente inferior ao do passado, embora as constantes denúncias reforcem essa impressão no inconsciente coletivo.

Diferente do programa de televisão, onde os participantes ficam confinados numa casa e isolados do mundo, os senadores convivem com a imprensa ininterruptamente. Conversas ao pé do ouvido, entrevistas de improviso e a liberdade de trânsito nos domínios do Congresso chamam a atenção dos parlamentares. O senador Jarbas Vasconcelos, de Pernambuco, cumpriu dois mandatos na Câmara e conta que nas décadas de 1970 e 1980 a imprensa não chegava ao Senado. "Hoje ela entra até no cafezinho", recorda, referindo-se ao espaço antes restrito à presença de jornalistas.

As constantes crises expostas pela mídia provocaram mudanças na estrutura de comunicação da Câmara dos Deputados. Antes havia apenas a Secretaria de Comunicação Social, cujo diretor geralmente atuava como assessor de imprensa do presidente. Para Cid Queiroz, diretor da Assessoria de Imprensa da Câmara, diz que "essa confusão de misturar a Secretaria de Comunicação com a assessoria da Presidência, fez com que surgisse a necessidade da criação de uma assessoria de imprensa, que fosse capaz de dar não só respostas políticas, mas respostas institucionais".

A assessoria, criada em 2004, é responsável pelo atendimento à demanda por

Caricaturas de Ângelo Agostini

Pedro Simon, Renan Calheiros, Fernando Collor

divulgação institucional, proposição de pautas especiais que façam um contra ponto com o que é divulgado sobre a Câmara e, principalmente, atender jornalistas. O Senado não tem esta estrutura de atendimento à imprensa.

Mídia própria

Criadas há pouco mais de dez anos, a TV Senado e a Rádio Senado fixam a programação nas atividades parlamentares. Durante períodos em que a imprensa dirige o foco para os escândalos políticos, os índices de audiência da tevê chegam a superar alguns dos canais abertos de maior audiência. "Historicamente, estes meios de comunicação foram criados para a sociedade, por uma demanda que partiu dela", afirma o historiador Celso da Fonseca. A TV Senado é veiculada em canal fechado, mas sua audiência engloba formadores de opinião. "Hoje não existe mais barreira da mídia para chegar ao cidadão", avalia Jorge Moreno.

Intergalático

Na internet, as possibilidades de disseminação da notícia fogem a qualquer controle. O site de relacionamentos *Orkut* registrava, em dezembro de 2007, a existência de 83 comunidades sobre o senador Renan Calheiros. A maioria criada no período do primeiro julgamento do parlamentar, em que o fórum de discussão, com comentários indignados, jocosos e até grotescos, na maioria das vezes pedia a renúncia do então presidente do Senado. Após o término do segundo julgamento havia poucos *posts* sobre o assunto, mas o *Youtube*, onde pequenos filmes, feitos até por celular, são divulgados a todo momento, registrava 460 resultados para as palavras Senado Brasil e 274 para Renan Calheiros. Nota-se afinal que a intensa cobertura da mídia do Senado e a crescente pressão da opinião pública buscam apenas responder à pergunta que se fazia o jovem jornalista Machado de Assis e que permanece hoje na mente dos brasileiros: "Ao ver os cabos deste partido, risonhos, familiares, gracejando entre si e com os outros, tomando juntos café e rapé, perguntava a mim mesmo se eram eles que podiam fazer, desfazer e refazer os elementos e governar com mão de ferro este país". ♠

TV Senado e Rádio Senado

TRAJETÓRIA

mem que mora no CARRO DE BOI

A estrada de terra é minguada. Em meio a nuvens de areia que a passagem do carro levanta, rompe o chão uma vegetação esturricada pelo sol. Há nove meses não chove e a barragem do Riacho da Ema, a alguns quilômetros, é a única fonte de água.

Em Curral de Varas, zona rural da pequena Santana, oeste baiano, velhas casas e engenhos de cana-de-açúcar semi-abandonados marcam o caminho e servem de poleiro para galinhas e sombra para o pouco gado de costelas à mostra que sobrevive à falta de pasto.

O calor do meio da manhã incomoda, enquanto o pó fino sobe em redemoinhos e entra pelas narinas. Apesar da sede e da ardência nos olhos, uma casa de farinha chama a atenção junto à cerca de paus tortos do pequeno sítio. Meio acanhada, lá longe, de onde é possível vislumbrar a silhueta de um homem. Ele se equilibra sobre um carro de boi tentando enxergar, talvez reconhecer quem chega à propriedade.

O meio de locomoção típico do interior brasileiro não é seu instrumento de trabalho, muito menos de transporte. Fecundo, se falasse, poderia chamar aquilo de lar.

Reportagem Eduardo Rodrigues e Guilherme Rosa
Fotografia Sofia Fernandes

"Ele sabia toda a via sacra e gostava muito de ler as profecias"

A cunhada Joana é a única que sabe de verdade o que se passou. À princípio ela se recusa a contar detalhes, mas aos poucos vai tecendo uma intrigante narrativa...

A residência de alvenaria ao lado da casa de farinha parece vazia. Porém, as portas e janelas abertas indicam a presença de alguém. Uma senhora surge devagar, os olhos brilhando diante da rara visita. Logo após chega outro morador, com os pés descalços e ar ressabiado. Ambos aparentam mais de 80 anos. Após o primeiro contato, mostram uma inocência infantil: Dona Ana e seu Genésio nasceram surdos e nunca aprenderam a falar. Mas se esforçam para mostrar que a dona da casa não está.

Quadros e calendários com imagens de santos enfeitam as paredes do ambiente interno. Móveis de madeira rústica e um rádio antigo decoram a sala, enquanto o velho fogão de lenha da cozinha aumenta a já sufocante sensação de calor. Dona Joana chega apressada. "Desculpe a demora. Estava cuidando do gado lá fora". Joana Pereira Cavalcante, 76 anos, tem duas vacas e uma pequena plantação de mandioca. Atrás da casa, dois pés de manga oferecem as únicas sombras do vasto quintal.

Além de cuidar da roça, a simpática senhora toma conta dos cunhados. Ana já completou 87, mas a idade de Genésio ninguém sabe, embora se acredite que está na casa dos 70. O outro cunhado, Fecundo, 78, deixou o convívio dos outros há meio século para viver no carro de boi.

Mundo de silêncios

Fecundo Jesus da Silva se agacha para observar o movimento que foge à sua rotina. Do alto do carro de boi sua visão é privilegiada. Ele não desce dali para nada. E parece que nem precisa: suas roupas são limpas, os cabelos e a barba aparados e a aparência é sadia. Não exala mau cheiro. Em um cantinho estão um copo de alumínio com água e um prato de comida.

Ao lado, o surrado cobertor do qual não se separa por nada. Faça calor ou frio.

Fechado em um mundo de silêncios, Fecundo se movimenta sem limitações. Chega a surpreender ao dizer um bom dia com clareza, mas logo volta ao universo interior. Até pouco tempo costumava descer do carro para tomar banho de chuva e caminhar pelo quintal. À noite. Há alguns anos até isso ele deixou de fazer, mas apesar do pequeno espaço onde sua biografia se desenrola, a história de Fecundo vai além do retângulo de madeira sobre o qual passa a maior parte do tempo deitado.

Em Curral das Varas todos ouviram falar dele. Na tradicional feira que aos sábados enche as ruas de Santana, os agricultores não sabem ao certo o que se passou com o homem, mas a maioria tem uma versão na ponta da língua. Enquanto vende farinha de sua fazenda, Delmira de Jesus confidencia, desconfiada, que apesar de viver na zona rural, só ouviu falar de Fecundo na cidade. "Na farmácia estavam contando a história do rapaz que mora em riba do carro. Parece que já tem uma eternidade que ele tá lá".

Na farmácia Pai João, bem ali perto, vem a confirmação. "Rapaz, eu não sei direito o motivo, mas ele vive em um lugar muito isolado, com muita gente doida. Tem muitos problemas por lá, deve ser alguma coisa do meio em que ele mora", cogita o balconista Elvis Pereira, ressaltando que só conhece a região por fotografias e histórias que o povo conta.

O agricultor Antônio Maria baixa a voz, como se revelasse um segredo. "É tudo muito estranho. Alguns falam de doença, mas é trauma por causa de um filho perdido". A certeza vem do fato de já ter morado perto do casebre de Joana, de onde conseguiu sair para uma chácara próxima da feira, com a esposa e os dois filhos, para não ter mais que enfrentar a estrada que liga a zona rural à cidade.

As hipóteses são variadas, e nem mesmo Belarmina dos Santos, vizinha de Joana, sabe o que aconteceu. "Olha, eu já tenho 44 anos e desde quando me entendo por gente ele está lá em cima". Bela, como é conhecida na feira, acostumou-se com a situação. "Tudo é marcado por Deus, não é mesmo? Mas é de se admirar que ele ainda mantenha um pouco de lucidez. Quando chego lá eu digo que sou a Belarmina, filha de Aurélio, e ele responde com um grunhido e um sinal com a cabeça".

Apenas uma pessoa sabe o que se passou, mas se recusa a contar detalhes: Joana. Inesperadamente, a certa altura ela começa uma narrativa intrigante. Apesar de muitas lacunas, aos poucos Joana vai tecendo a incrível trajetória do cunhado Fecundo.

Tímido com as mulheres

Dos oito irmãos da família Jesus da Silva, Fecundo foi o único a aprender a ler e escrever. Desde cedo ajudava na labuta da fazenda, trabalhando em dobro para cobrir a falta dos irmãos doentes. Além de Ana e Genésio, surdos-mudos, Paulo, já falecido, nasceu com problemas mentais e nunca pôde desempenhar qualquer tarefa. "Esse tinha uma doença tão forte que às vezes era amarrado num banco", lembra Joana.

O pequeno Fecundo viajou bastante pelo sertão baiano com o pai vendendo farinha e rapadura. Decorou fervorosamente as ladainhas e orações dos dias santos e costumava entoá-las nas festas familiares. "Ele sabia toda a via-sacra e quando a gente se reunia, andava em volta da casa recitando. Também gostava muito de ler as profecias", conta Isabel Silva, filha de Joana, que mora nas vizinhanças.

Durante a adolescência, o trabalho e as leituras da Bíblia Sagrada tomavam todo o tempo do rapaz. José Silva, outro filho de Joana, lembra que a falta de estrada não impedia o tio de ir constantemente à cidade para participar da feira. Embora muito tímido com as mulheres, Fecundo impressionava os compradores por sua desenvoltura com as palavras.

"Um padre até disse uma vez: este é mesmo um santo, pois nunca namorou. Meu avô também era muito ciumento e eles estavam sempre juntos", conta José.

Naquele lugar esquecido, Fecundo chegou

O tempo em Curral de Varas passa devagar. Nos últimos 30 anos pouco mudou na vida da família de Fecundo, que continua isolada e sem assistência

à maioridade como um jovem promissor. Porém, as idas e vindas do rapaz à feira de Santana estavam prestes a acabar. Em um dia muito quente, sentou-se à mesa para ler as "profecias" da Bíblia com sua irmã, mas um violento ataque o deixou inconsciente. A cena aconteceu após o almoço.

Injeção e alívio

Por falta de recursos, Fecundo não foi levado até a cidade para receber tratamento. Na década de 1940, a zona rural de Santana não possuía acesso adequado à cidade, muito menos assistência médica. O ataque deixou seqüelas graves, transformando o rapaz sensível em um homem extremamente agressivo e arredio.

Durante bastante tempo ele saía sem destino correndo e gritando, como se fugisse de algo. Outras vezes, ameaçava parentes e vizinhos.

Só Manoel, o irmão recém-casado com Joana, tinha paciência para tomar conta de Fecundo. "Um dia ele pegou um machado e saiu correndo pro morro. Meu pai foi atrás, encontrou ele atrás de uma pedra e pediu que voltassem para casa porque a mãe deles estava chorando e todos estavam preocupados", recorda José.

Durante dez anos a família sofreu com as crises. Depois de muita peleja, o pai tomou uma decisão: amarrou o filho no carro de boi e seguiu em direção à cidade para buscar socorro. Percorreu os 20 quilômetros entre Curral de Varas e Santana por um caminho sem estrada, e procurou o único médico do lugar, o doutor Chico Flores, que após uma rápida olhada no moço deu seu diagnóstico e lhe aplicou uma injeção.

"Depois do remédio ele ficou quieto no carro. Nunca mais brigou nem saiu correndo. Para a família foi um alívio", conta Joana. Com a morte dos pais de Fecundo, 20 anos depois dessa história, Manoel e a mulher passaram a cuidar de todos os irmãos doentes.

Tá quitetinho, tá bom

No sertão o tempo passa devagar. Nos 30 anos seguintes pouca coisa mudou em Curral de Varas. Uma estrada de terra foi construída e as antenas parabólicas chegaram a algumas casas. A pobreza e o isolamento da família de Fecundo não se alteraram. Dos 14 filhos de Joana, apenas cinco sobreviveram. Para cuidar dos cunhados ela contava com a ajuda deles e de Manoel, falecido em 2001. "Se disser que tá precisando, o povo aqui ajuda. Mas só quem labuta, quem trabalha, sabe a dificuldade que é".

A sertaneja sabe como fazer as visitas se sentirem à vontade. Prepara um café bem forte e serve "biscoitos da reza". Em duas horas de conversa não deixa escapar qualquer lamento ou reclamação. Nem mesmo sobre o trabalho com Fecundo. "Deixa ele lá. Tá quietinho, caladinho. Tá tudo bem".

Essa mulher tem idade e nunca se submeteu a um exame médico. Mas exibe força para seguir trabalhando. "Tô vivendo e ainda hei de viver. Quando sinto alguma coisa ruim, faço um chá das plantinhas do meu quintal e funciona". No início do ano, Genésio adoeceu e precisou ser levado à cidade para se tratar. Joana se recusa. "Só saio daqui se for pro lado do meu Manoel. Na hora que tiver de ir, a

roupinha já está pronta".

Os filhos José e Isabel aparecem para ajudar sempre que podem. Aliás, o sobrinho é o único a quem Fecundo concede o privilégio de trocar suas roupas e cortar as unhas, cabelo e barba. Mas nem assim José consegue arrancar suas palavras. "Conseguir falar ele consegue, mas não quer", acredita.

O trabalho pesado é mesmo com Joana, que prepara comida e recolhe os excrementos de Fecundo depositados fora do carro, na areia colocada por ela para facilitar a limpeza. A água para o banho, que ele toma sozinho, fica na caneca de alumínio. Foram-se os tempos dos banhos de chuva.

Quando está com sede, Fecundo bate a caneca na roda. O que quase nunca acontece. Cuidadosa, Joana nunca deixa faltar água. Ele come de colher, e já foi mais exigente. "Tem coisa que se der ele não come, mas também não reclama. Antes não comia bolacha, pão, nem requeijão. Mas agora já tá comendo".

Todo dia, tudo sempre igual

A pequena plantação de mandioca e as aposentadorias de Ana, Genésio e Joana (três salários mínimos) são as fontes de renda da família. Abandonados sem qualquer infra-estrutura e instrução, a vida fica ainda mais complicada em Curral de Varas. No sertão onde os dias são sempre iguais, os calendários na parede da sala servem apenas para lembrar quando chega a aposentadoria. E há quanto tempo não chove.

O poço do terreno da nova casa, de alvenaria sem reboco, construída há cinco anos no lugar do velho casebre de pau-a-pique, foi aberto há poucos meses, quando Joana conseguiu um dinheirinho extra para bancar o serviço. Um pouco de água fresca é sempre bem vinda nesse mundão.

A morte de Manoel não garantiu à viúva uma pensão, mesmo após uma vida de dedicação ao marido e a seus irmãos por longos 56 anos. "A gente era casado somente na Igreja, não no cartório. O padre até quis tirar o Cavalcante do meu nome, porque ele achava muito longo". A falta de orientação também a impediu de conseguir a aposentadoria de Fecundo. "Ir na cidade ele não vai, e não vem ninguém aqui. Nem tirar a impressão digital ele deixa".

Joana não insiste. Sabe que o cunhado ainda tem forças. Ano passado, uma cobra apareceu na casa de farinha e, sorrateiramente, tentou subir no carro de boi. Fecundo não pensou duas vezes. "Quando cheguei ele ficou apontando para um canto no chão. A cobra estava morta". Quando lembra, a mulher ainda se admira.

Poeira da ignorância

A pequena Santana fica a cerca de 630 quilômetros de Brasília e a 860 de Salvador. Com pouco mais de 26 mil habitantes, a cidade do sertão baiano foi fundada em dezembro de 1890 e desde então sua economia é movida, principalmente, pela agricultura e a produção de cachaça, rapadura e farinha de mandioca. As casas do centro histórico guardam a velha arquitetura das grandes janelas e portas de madeira e, mesmo desbotadas, mantêm o colorido original nas paredes amarelas, verdes e azuis. O sol se reflete nas pedras

Nesse momento o processo de transmissão é um círculo vicioso: o infectado contamina os mosquitos que passarão a doença para outras pessoas.

das ruas estreitas, quase sempre esburacadas. As pessoas caminham despreocupadas pelo meio das vias.

Aos finais de tarde os moradores se reúnem nas calçadas e colocam a conversa em dia. Como todo município do sertão nordestino, o assunto mais quente é a disponibilidade de água. Entre fevereiro e outubro de 2007, nenhuma gota de chuva caiu na região, e o prefeito Marco Cardoso (PP) chegou a declarar estado de emergência no início do ano. "Fiquei esperando os governos estadual e federal tomarem alguma providência, mas nada foi feito". Mesmo assim, Marcão garante manter um bom relacionamento com o governador Jacques Wagner (PT).

O jovem político baiano se considera um progressista. Conta com o apoio de seis dos nove vereadores da Câmara Municipal nesses dois anos e dez meses de mandato, e, mesmo alegando trabalhar com um baixo orçamento, aponta os benefícios de sua gestão para a cidade, como a construção da rede de captação de água do Rio Corrente, em substituição à antiga, que entre outros problemas trazia barro e entupia os encanamentos.

O detalhe é que a nova rede só atende à cidade. Os moradores da zona rural continuam a depender de poços artesianos (a maioria não pode pagar para furar) e a barragem Riacho da Ema tem problemas de vazamento. "Estamos com uma força-tarefa para limpar os tanques de aguada pública, que armazenam a água da chuva para os animais das comunidades rurais terem o que beber", diz o prefeito.

Marcão também criou a Guarda Municipal e está reconstruindo o calçamento de Santana. Sua principal meta é resgatar a auto-estima do povo. Com uma grande ressalva, que ele não mostra embaraço em afirmar: os principais beneficiados serão os moradores da cidade. Enquanto isso, a população da zona rural sofre.

Para começar, pagando por cada viagem na pequena frota de velhos ônibus com bancos de plástico que fazem o transporte entre a zona rural e a cidade. "Quando não chove é ruim, porque não tem como plantar nada e o gado morre. E quando chove também não presta, porque ninguém consegue trafegar na estrada", lamenta o agricultor Antônio Maria, mesmo após ter se livrado da travessia comprando uma chácara perto da feira semanal de Santana.

Quem continua afastado da cidade, como Fecundo e família, não recebe as benesses do poder público. Marcão nega a crítica, garantindo que os agentes de saúde e funcionários da Secretaria de Ação Social visitam constantemente os lares mais isolados. Além disso, a prefeitura retomou o hospital municipal, antes administrado por terceiros, montou postos de atendimento médico em zonas rurais e criou o Centro de Atenção Psicossocial (Caps), voltado para doentes mentais e dependentes químicos.

O prefeito, ele próprio, já teria visitado a casa de Joana três vezes e conhece de perto a história do homem do carro de boi. "Tomei o café da dona Joana e vi a situação do senhor Fecundo, mas ao conversar com ela nada foi solicitado. Eles precisam requerer um médico ou um agente social, pois não tem como a prefeitura adivinhar".

No sertão o tempo passa devagar. Cinqüenta anos após a injeção do Dr. Chico que o deixou no mundo de silêncios, Fecundo permanece soterrado pela poeira da distância e do abandono. Em meio à ignorância e à omissão de um Estado que continua mudo diante do humilde casebre de Joana, Ana e Genésio e frente à situação do homem que, em tempos de tecnologia de ponta e respostas imediatas, sobrevive sem diagnóstico, acompanhamento médico ou o uso de medicamentos.

Cobrado pela reportagem, o prefeito muda de tom. Como bom político, promete tomar providências quanto ao estado de saúde de Fecundo, de seus irmãos e até da saudável Joana. Diz que vai orientá-la sobre o direito de aposentadoria do cunhado e se compromete a dar todo o suporte para que a vida naquela casa possa, enfim, melhorar. Enquanto a prefeitura não cumpre a obrigação, o tempo continua passando. Lentamente. Como – de resto – tudo em Curral das Varas. ♠

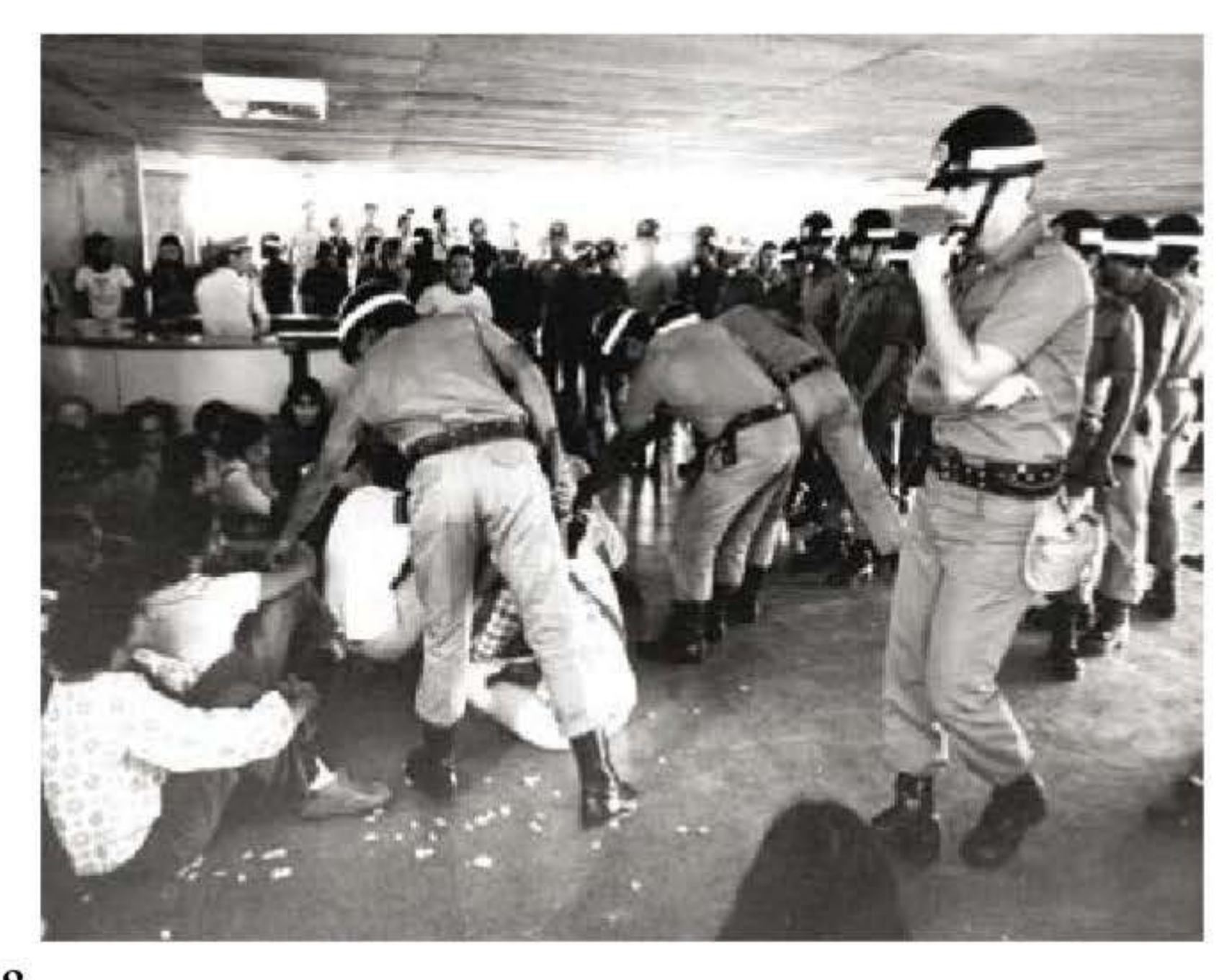
Três décadas atrás

SOB COTURNOS E BAIONETAS

Há três décadas, em 1976 e 77, o campus da Universidade de Brasília viveu momentos de terror, ocupado por forças de repressão do regime militar, que tentavam conter o renascimento do movimento estudantil. No período de um ano, dezenas de alunos foram expulsos ou suspensos, obrigados a procurar novos rumos na vida. Muitos se perderam, outros encontraram o caminho do sucesso, como o Presidente da Câmara dos Deputados, Arlindo Chignalia, e o Ministro do Planejamento, Paulo Bernardo.

Reportagem Alan Borges e Pollyane de Oliveira
Fotografias Arquivo CEDOC/UnB

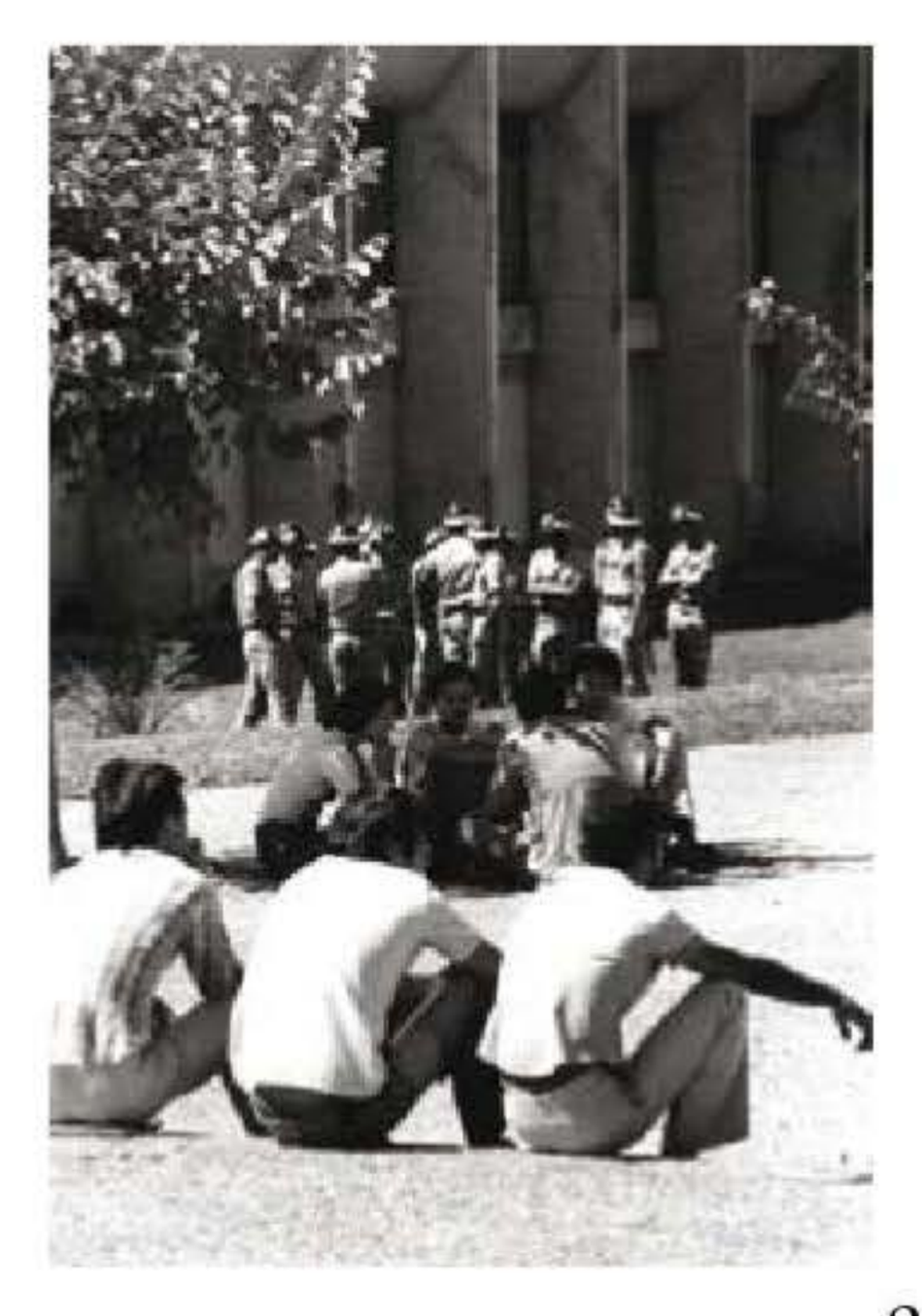
Soldados da Polícia Militar do DF arrastam estudantes que insistiam em fazer uma greve proibida pelo reitor José Carlos Azevedo



Quando os estudantes da UnB voltaram às aulas na manhã de segunda feira, 18 de julho de 1977, depois de 30 dias de recesso forçado, encontram o campus ocupado por soldados da Polícia Militar e efetivos da Polícia Civil do Distrito Federal, além de agentes da Polícia Federal. O recesso, decretado dia 17 de junho pelo reitor da UnB, o capitão de mar-e-guerra José Carlos de Almeida Azevedo, P.H.D. em Física, com aprovação do Conselho Universitário (Consuni), foi uma tentativa de conter o movimento estudantil que, esmagado a partir do Ato Institucional número 5, de dezembro de 1968, começara a se rearticular na UnB em 74, seguindo uma corrente que se alastrava por outras instituições de ensino superior do País.

Mas a história da invasão de 77 começou antes. A eleição para o Diretório Universitário (DU) da UnB estava marcada para o dia 27 de maio de 76 e concorriam duas chapas: a Oficina, liderada por facções trotskistas, e a Unidade, formada com apoio do Partido Comunista Brasileiro, o Partidão. Os debates ocorriam abertamente entre os estudantes nas salas de aula e no Teatro de Arena. "As assembléias, com centenas de pessoas, eram seguidas de músicas populares e grandes debates. Era um respeito enorme, mas estávamos sendo observados por militares infiltrados", recorda Beto Almeida, então estudante de Comunicação, expulso em 1977.

O Brasil, navegando sob as águas da abertura "lenta, gradual e segura" do Presidente Ernesto Geisel, empossado em 1974, tinha pressa em recompor sua democracia. Os movimentos sociais e grevistas, principalmente no ABC de São Paulo, ganhavam corpo, mas os chamados "militares da linha dura", à qual se ligava o reitor Azevedo, segundo seus adversários, reagiam, inclusive com atentados à bombas.



Em outubro de 1975 foi assassinado nas dependências do DOI-CODI de São Paulo o jornalista Vladimir Herzog, diretor de Jornalismo da TV Cultura de São Paulo, ligado ao Partidão. Em janeiro do ano seguinte, foi morto pela repressão o operário Manuel Fiel Filho, também ligado aos comunistas, o que levou o Presidente Geisel a afastar de comandos militares oficiais da linha dura, inclusive o Comandante do poderoso II Exército de São Paulo, General Ednardo D'Ávila Melo.

Foi nesse cenário que os estudantes da UnB disputavam o Diretório Universitário em 76, o equivalente hoje ao Diretório Central dos Estudantes (DCE). Mas o reitor Azevedo entendeu que a campanha extrapolava os objetivos da representação estudantil, tinha conotação política, proibida pela legislação de então, e suspendeu a eleição. Os alunos não concordaram e as duas facções em disputa formaram um "Chapão", para realizar a eleição à parte do sistema oficial e decretá-la como representante legítima do movimento.

No meio do movimento, a reitoria expulsou sete alunos da UnB. Os principais líderes da Unidade, Davi Emerich, José Humberto e João Maia, e os quatro da Oficina, Walter Nei Valente, o Peninha, Paulo Bernardo, o Paulão, Flávio Alberto Botelho e Eduardo Almeida, recém formado em Medicina e que fazia residência médica no hospital da UnB.

O segundo semestre de 76 transcorreu com a rearticulação do movimento estudantil, que em 19 de maio de 77 promoveu uma manifestação com cerca de 3 mil pessoas, que pediam, entre outras coisas, o afastamento do "capitão Azevedo" e a reintegração dos alunos expulsos no ano anterior. Parte do Dia Nacional de Luta, organizado por estudantes de todo o País, a manifestação resultou na suspensão de 16 líderes da UnB, dia 30, seguida da decretação de uma greve dos estudantes, por tempo indeterminado, no dia 31. Para intimidar o movimento, tropas policiais invadiram a UnB no dia seguinte, o que fariam novamente dia 6 de junho. No dia 17 o Consuni aprovou a expulsão de mais 30 estudantes e a suspensão de outros 34, além do recesso de 32 dias.

O raciocínio da administração da UnB foi que o recesso esfriaria os ânimos e, na volta, recolocaria a atividade acadêmica em sua rotina de aulas e pesquisas, mas a movimentação estudantil não parou durante o recesso. O reitor Azevedo e seus aliados tiveram outra idéia. Alguns estudantes entraram na justiça com o pedido de hábeas corpus para "assegurar" o direito de assistir às aulas. O mandado foi concedido na tarde de domingo, dia 17, menos de 24 horas do dia previsto para o fim do recesso e a volta às aulas. Assim, a UnB foi ocupada não por determinação do reitor, mesmo porque o Ministério da Educação desaconselhava a medida, mas por ordem judicial.

A ocupação só acabou totalmente no final do semestre, quando a greve já acabara, diante da luta desigual, em que as lideranças estudantis que ainda se arriscavam a aparecer no campus da UnB (a maioria se escondia fora) eram caçadas e presas pelas forças de repressão. Estudantes foram presos e processados com base na Lei de Segurança Nacional. Aluna de Biologia expulsa em 77, a deputada da Câmara Distrital do DF (PT) Érika Kokai lembra que as lideranças eram vigiadas 24 horas por dia e dormiam cada dia em um lugar diferente. Voltar para casa à noite era caminho quase certo para a prisão. "Disso eu vou lembrar sempre", afirma a deputada, que acrescenta: "A resistência da UnB fez história. Era uma violência muito declarada, muita brutalidade contra um movimento que buscava a democracia".

O ônibus da PM deixa o campus da UnB levando os estudantes presos durante uma assembléia em 1977. Desolada, a aluna observa, sem nada poder fazer

Expulsos

ILUSTRES OU ESQUECIDOS

Expulso na primeira leva em 1976, Paulão voltou para o Paraná, tornou-se deputado e é hoje o Ministro do Planejamento Paulo Bernardo. O Presidente da Câmara dos Deputados, Arlindo Chignalia, não foi expulso porque terminou o curso de Medicina no final de 75 e não quis fazer residência médica na UnB. Um dos líderes mais visados, Chinaglia hoje diz que os estudantes tinham a expectativa de "fazer uma universidade diferente, solidária com as necessidades do povo brasileiro". Brasília foi o "primeiro batismo na política", uma época de convivência com "pessoas mais desprendidas, generosas e que arriscavam a formação e a própria vida em função de melhorar o país e a vida da população brasileira".

Dos expulsos nas duas levas, muitos retomaram as vidas em outras cidades e universidades. Vários voltaram à UnB no começo dos anos 80, depois da anistia política, promulgada em 1979 no Governo Figueiredo. Não sem uma dificuldade adicional: o reitor Azevedo não aceitou a reintegração dos expulsos ou suspensos, com o argumento de que o ato da reitoria tinha sido administrativo. Com base num mandado de segurança impetrado pelo advogado Luiz Carlos Sigmaringa Seixas, que se tornaria deputado pelo DF, os alunos voltaram à UnB.

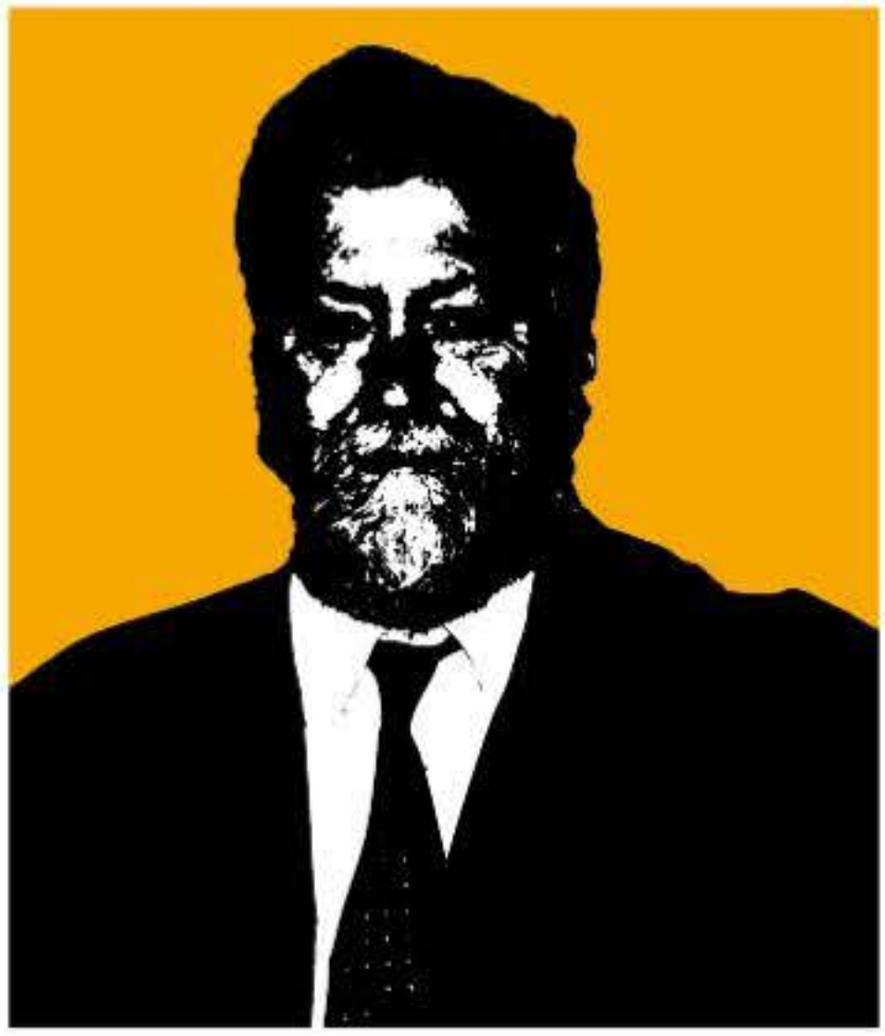
Muitos conseguiram trilhar novos rumos, outros se perderam nos descaminhos da vida. Dois exemplos trágicos são o de Manuel José dos Santos, conhecido como "Coronel" e de João Simplício Martins. Impedido de concluir o curso de Biologia, "Coronel" se envolveu com o tráfico de drogas e foi morto no Paranoá, em Brasília. Estudante de Medicina, Simplício foi ser operário e militante político no ABC de São Paulo. Acreditava que assim conseguiria fazer uma revolução socialista no país, mas, desiludido, um dia se matou.

João Maia

Para um migrante nordestino, órfão, de família pobre e treze irmãos, chegar à UnB foi uma conquista importante e improvável. Mas João da Silva Maia venceu as adversidades e entrou no curso de Engenharia Civil. "Passar no vestibular teve um significado importante para minha família, que permaneceu no Rio Grande do Norte", explica deputado João Maia, do PP/RN, expulso em 76. Depois de estudar Economia no Rio de Janeiro, foi Secretário Executivo do Ministério da Fazenda, na gestão da Ministra Zélia Cardoso de Melo, e trabalhou em grupos privados antes de voltar à política. "Nós tínhamos uma ousadia muito grande", afirma, ao lembrar da UnB e do acampamento que os estudantes fizeram em 1976, em frente ao Ministério da Justiça. "Nossa atitude coroava um período de muita esperança e de muito medo, já que gente engajada estava morrendo".

Beto Almeida

Para Carlos Alberto Almeida, a UnB foi a "possibilidade de fazer uma atividade organizada para continuar a luta contra a ditadura". Expulso em 77, casado e com uma filha pequena, diz que não se arrepende de "absolutamente nada" e que será um "militante para o resto da vida". Beto Almeida, como é conhecido, lembra que as assembléias no Teatro de Arena, lotadas, intercalavam cantos do Hino Nacional com discursos inflamados. "Tinha um mandado de prisão contra mim e só não fui preso porque não voltava para casa", recorda-se. Reintegrado à UnB, formou-se em Jornalismo, entrou no movimento sindical e hoje é jornalista da TV Senado.



David Emerich
"A UnB foi o marco na minha vida, entre o atraso e a modernidade", lembra Davi Emerich, rapaz pobre, da pequena Martinópolis, interior de São Paulo, para quem chegar a Brasília foi como ser "arrancado da roça para o mundo moderno". Líder e candidato de uma das chapas que queria reconstruir o Diretório Central dos Estudantes, Emerich teve o nome incluído na primeira leva dos expulsos em 76. Com isso perdeu o direito de continuar morando na Casa dos Estudantes da UnB, mas com a solidariedade dos amigos, conseguiu emprego e começou uma nova vida. "Não tinha como sair de Brasília, pois meus pais não poderiam me sustentar", lembra. Quando conseguiu ser reintegrado na Universidade procurou terminar o curso de Jornalismo e deu um "tempo na luta". Hoje dirige o Jornal do Senado.

Érika Kokay
Nascida em Fortaleza, Érika Jucá Kokay chegou a Brasília em 1975, entrou no curso de Psicologia da UnB no ano seguinte, se engajou no movimento estudantil e foi expulsa na greve de 77. "Eu dirigi uma assembléia dentro de um cordão feito por homens da Polícia Federal e eu era uma das mais novas do movimento", afirma Érika, ao relembrar aqueles anos. De Brasília Érika foi para São Paulo, onde fez apenas um semestre incompleto de História na USP. Na capital paulista passou um mês dormindo em hotéis de alta rotatividade para não ser presa. Em outros momentos, para descansar, "andava de metrô até ele parar, à meia-noite". Érika voltou para a UnB 1981, depois da anistia e cumpre o seu segundo mandato como deputada Distrital no DF. ♠

A SUBTIL ARTE DE TRANSFORMAR O MUNDO

O Festival Tucan, promovido pelo Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília em 2007, recolocou a cidade no circuito do teatro universitário, que em suas várias épocas buscou um olhar inovador sobre a cena teatral. **Adubo** – inicialmente um projeto de diplomação – alçou asas e voltou com a marca do sucesso fora da capital, provando que ainda existe um público ávido por projetos que recusam os padrões convencionais de expressão.

Reportagem Nair Rabelo e Malu Barsanelli
Fotografia Raissa Coe
Ilustração Virgílio Neto
Intográficos Edualdo Sobrinho

Acaba o espetáculo. A platéia aplaude. Final tradicional de uma apresentação bem sucedida, não fosse a iniciativa da atriz Fernanda Montenegro de subir ao palco e elogiar o elenco. O discurso ressalta a qualidade técnica e o desempenho dos artistas. O episódio ocorreu em março de 2006, no Teatro Mezanino do Sesc Copacabana, no Rio de Janeiro, durante a Mostra de Teatro Candango.

O espetáculo em questão, **Adubo ou a Sutil Arte de Escoar pelo Ralo**, foi o projeto de diplomação de quatro alunos da Universidade de Brasília (UnB) no final de 2004. A morte – tema central da peça – é tratada com ironia. Filosofia e textos depressivos costuram a trama, percorrendo a vida de diversas personagens que se mesclam e se comunicam. Ao fundo, um quadro negro rege as histórias: efêmeras como a vida, elas surgem e se vão como o giz branco na superfície escura.

Alguns dias mais tarde, Fernanda escreveria uma "carta de recomendação" aos jovens atores, onde ressaltava os elogios proferidos no palco do Teatro Mezanino e, entre outros dizeres, afirmava que a importância do espetáculo estava "no emocional e no preparo técnico dos quatro participantes", que não haviam medido esforços para se entregar e se integrar "com absoluto comando cênico, com inteligência, talento, domínio vocal, corporal".

A veterana dama do teatro se confessaria comovida diante daquele verdadeiro "jogo de ilimitada fé" em sua vocação como intérpretes.

A participação na Mostra do Teatro Candango foi a primeira experiência do grupo de recém-graduados da Universidade de Brasília fora dos palcos brasilienses. Diga-se de passagem, uma experiência bem positiva. A partir daí, o quarteto de atores formado por André Araújo, Juliano Cazarré, Rosanna Viegas

e Pedro Martins teve certeza de que os trabalhos surgidos no meio acadêmico brasiliense têm força para sair da capital federal, embora o caminho não seja nem um pouco fácil. E, muitas vezes, nem tão revolucionariamente criativo.

Mosaico de tendências

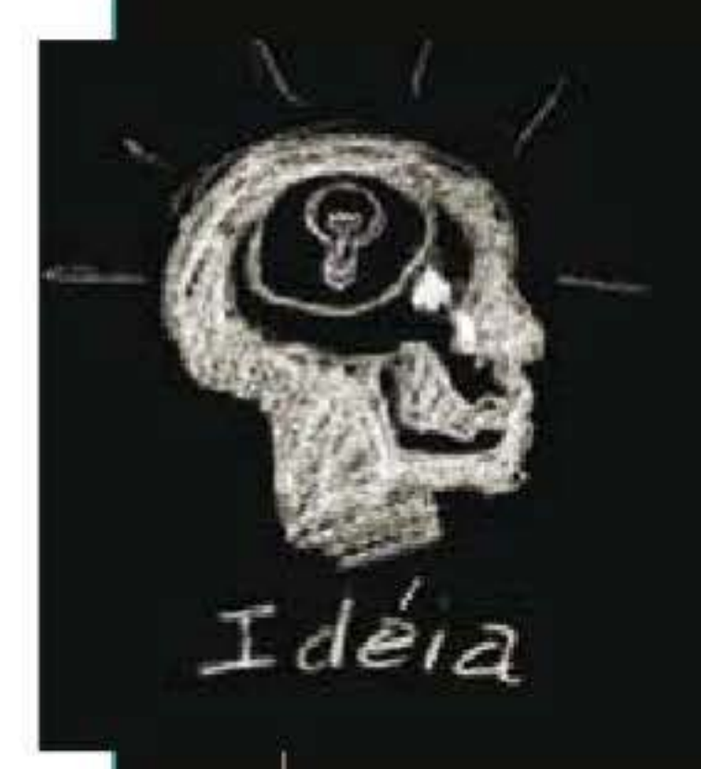
Para quem ficou quase um ano enclausurado até chegar ao resultado de **Adubo**, a vida fora desses limites pode representar uma grande ruptura.

Durante o enclausuramento, eles passaram por um processo de criação coletiva, em que todos participam da elaboração do projeto. Cada um pesquisou, escreveu e deu sugestões para a concepção do espetáculo, a partir de uma idéia original, a de tratar a morte de forma irônica. A meta não era menos ambiciosa: acabar de vez com o tabu que envolve o tema.

O ideário quase comunista de criação teatral é prática recorrente no meio universitário. Na verdade, teatro universitário não é propriamente uma categoria, mas uma forma mais inovadora de tratar a cena. Em alguns momentos, ele é visto como amador, embora seja possível dizer que, de modo geral, ambos arregimentam jovens entusiastas, ajudam a despertar vocações e impõem uma renovação que muitas vezes pretende atingir não apenas os padrões de gosto e de consumo dessa atividade.

Os integrantes do grupo são chamados a desenvolver textos, cenários e figurinos, e a participar da direção. O diretor de teatro e professor da Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, Adriano Guimarães, resume o conceito. "O diretor, o ator tem de ser plural. A criação coletiva é importante porque o teatro é uma arte promíscua, misturada com as outras artes. Enquanto os atores estão imersos no processo, eles têm noção do todo".

CRIAÇÃO COLETIVA EM NOVE PASSOS



Idéia
No início de 2004, os garotos já sabiam que queriam retratar a morte. André também trazia a idéia de expressar o ciclo Vida-Morte.

Leitura
Os primeiros meses consistiram em ler muito. As referências eram extensas: Sêneca, Nietzsche, Edgar Alan Poe, Nelson Rodrigues, Bukowski e até Calvin e Haroldo. Também estudaram Tanatologia - a medicina da morte.

Texto
Começaram a escrever, colocando no papel tudo o que lhes vinha à cabeça. Rosanna fez uma das cenas, *Aniz*, numa sentada. Eles brincam que, ela teria incorpado Clarisse Lispector para escrever o texto, que fala sobre uma mulher que se afoga.

Rituais
Quando partiram para a prática, convidaram como orientadora a professora Márcia Duarte, que introduziu uma série de exercícios para integrar o grupo antes dos encontros. Valia de tudo: de práticas budistas a jogar bolinhas de papel.

Cenário e Figurino
Nas aulas de cenário e figurino da UnB, os alunos criam seus trabalhos a partir dos projetos de diplomação dos colegas, como *Adubo*. Depois de um semestre de estudos e sugestões tecnológicas, voltou-se às idéias de André, Juliano, Pedro e Rosanna: um quadro negro e roupas com costuras aparentes. "O trabalho deles foi importante, porque provou que a nossa idéia funcionava", pondera Juliano.

Caracterização
O trabalho de maquiagem não se diferenciou muito da criação do cenário e do figurino. Após tentativas frustradas de fazer com que os atores parecessem zumbis, Rosanna resolveu o problema ao borrar os olhos com lápis preto.

Ensaio
O grupo se encontrava quase diariamente e discutiam racionalmente o trabalho. Mas o momento em que conseguiram dar unidade ao espetáculo foi quando Juliano chegou já caracterizado, maquiado e embriagado. Nessa "bebedeira coletiva", muitas idéias e conceitos ficaram claros para eles.

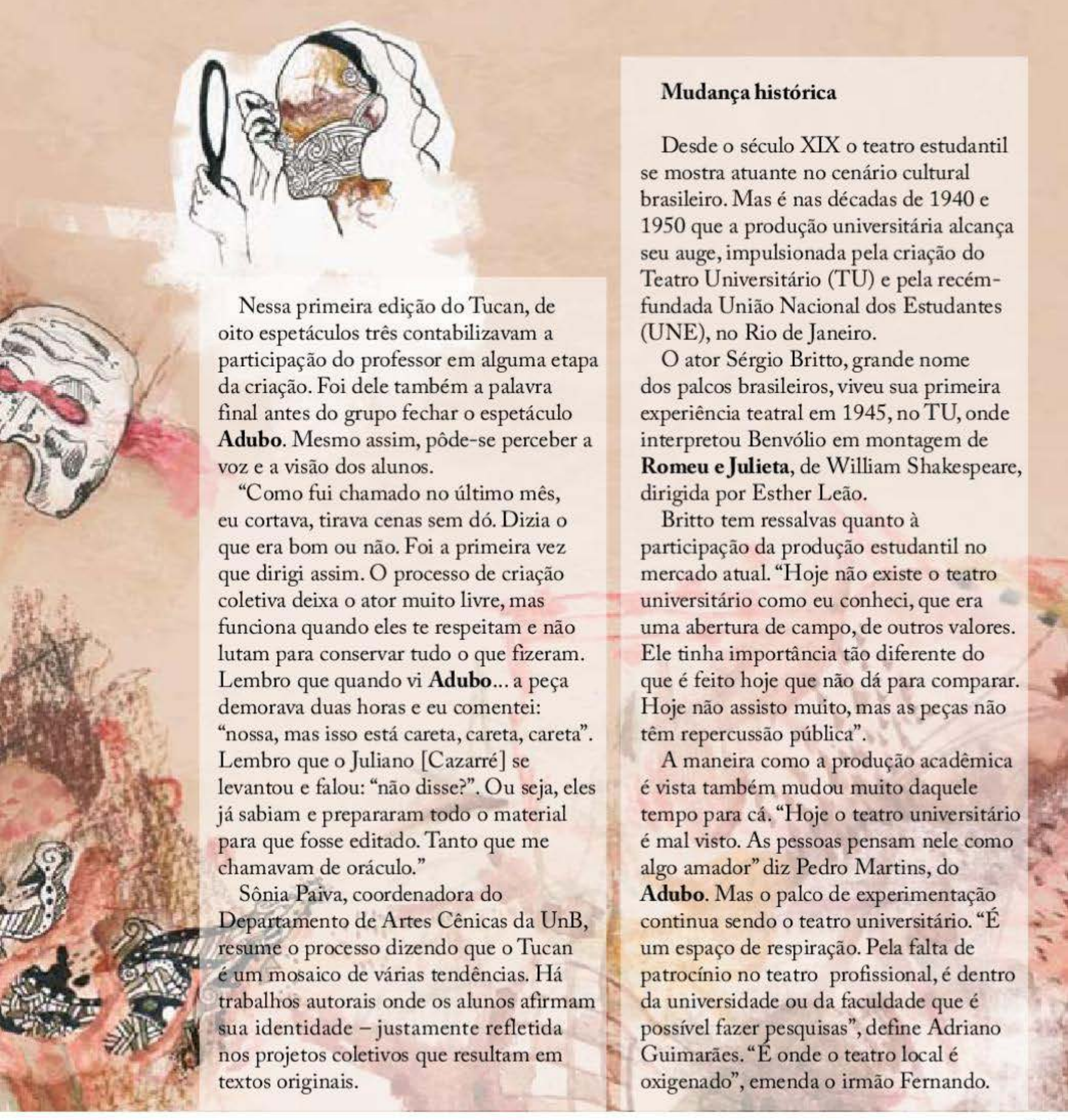
Oráculo
Um mês antes da estréia da peça, Hugo Rodas foi chamado para "arrumar" o espetáculo. O primeiro ensaio ao qual assistiu durava mais de duas horas. Rodas não hesitou em apontar todos os problemas. Reduziu o espetáculo à metade e lhe deu sutilezas.

Palcos
Após uma boa recepção do público da cidade, *Adubo* conseguiu adentrar o eixo Rio-São Paulo. Durante a Mostra de Teatro Candango no Rio de Janeiro, o espetáculo recebeu Fernanda Montenegro, que fez questão de dar entusiasmados cumprimentos.

Duas vertentes

Adriano e seu irmão Fernando são dois dos grandes responsáveis por movimentar em Brasília um dos pólos de formação de profissionais e de produção em teatro, a Faculdade Dulcina de Moraes. Conhecidos pelo seu trabalho de (árduo) estudo e decupagem do texto, e de grande plasticidade visual, a dupla criou uma estética própria. Na Universidade de Brasília seguiu-se a linha do uruguaio Hugo Rodas, um dos pioneiros do Departamento de Artes Cênicas e grande impulsionador das produções da faculdade com seu teatro mais rasgado, questionador, caótico.

A Mostra Dulcina de Teatro, com edições semestrais há seis anos, e o Festival Tucan (Teatro Universitário Candango), da UnB, em sua primeira versão, tentam expor para Brasília as experimentações que o ambiente acadêmico permite. "A idéia de criar o Tucan foi a primeira coisa que eu quis fazer quando entrei na universidade. Por que o que me interessa é colocar em prática os trabalhos criados", conta Rodas.



Nessa primeira edição do Tucan, de oito espetáculos três contabilizavam a participação do professor em alguma etapa da criação. Foi dele também a palavra final antes do grupo fechar o espetáculo **Adubo**. Mesmo assim, pôde-se perceber a voz e a visão dos alunos.

"Como fui chamado no último mês, eu cortava, tirava cenas sem dó. Dizia o que era bom ou não. Foi a primeira vez que dirigi assim. O processo de criação coletiva deixa o ator muito livre, mas funciona quando eles te respeitam e não lutam para conservar tudo o que fizeram. Lembro que quando vi **Adubo**... a peça demorava duas horas e eu comentei: "nossa, mas isso está careta, careta, careta". Lembro que o Juliano [Cazarré] se levantou e falou: "não disse?". Ou seja, eles já sabiam e prepararam todo o material para que fosse editado. Tanto que me chamavam de oráculo."

Sônia Paiva, coordenadora do Departamento de Artes Cênicas da UnB, resume o processo dizendo que o Tucan é um mosaico de várias tendências. Há trabalhos autorais onde os alunos afirmam sua identidade – justamente refletida nos projetos coletivos que resultam em textos originais.

Mudança histórica

Desde o século XIX o teatro estudantil se mostra atuante no cenário cultural brasileiro. Mas é nas décadas de 1940 e 1950 que a produção universitária alcança seu auge, impulsionada pela criação do Teatro Universitário (TU) e pela recém-fundada União Nacional dos Estudantes (UNE), no Rio de Janeiro.

O ator Sérgio Britto, grande nome dos palcos brasileiros, viveu sua primeira experiência teatral em 1945, no TU, onde interpretou Benvólio em montagem de **Romeu e Julieta**, de William Shakespeare, dirigida por Esther Leão.

Britto tem ressalvas quanto à participação da produção estudantil no mercado atual. "Hoje não existe o teatro universitário como eu conheci, que era uma abertura de campo, de outros valores. Ele tinha importância tão diferente do que é feito hoje que não dá para comparar. Hoje não assisto muito, mas as peças não têm repercussão pública".

A maneira como a produção acadêmica é vista também mudou muito daquele tempo para cá. "Hoje o teatro universitário é mal visto. As pessoas pensam nele como algo amador" diz Pedro Martins, do **Adubo**. Mas o palco de experimentação continua sendo o teatro universitário. "É um espaço de respiração. Pela falta de patrocínio no teatro profissional, é dentro da universidade ou da faculdade que é possível fazer pesquisas", define Adriano Guimarães. "É onde o teatro local é oxigenado", emenda o irmão Fernando.

$gr=(bc+bf)/(t \times t')^n$

Toda fórmula resume o trabalho de um grande mestre. Assim é nas Ciências Exatas, assim é no Jornalismo. Mas Jornalismo tem fórmula? Surpresa geral, a resposta é positiva. E só este maestro do ofício poderia ensiná-la. Um dos maiores repórteres brasileiros do século XX, José Hamilton Ribeiro revela o segredo num bate-papo descontraído em sua casa no bairro paulistano da Aclimação.

Entre livros, fotos, memórias e acompanhado da esposa Cecília, ele se apresenta no melhor estilo caipira. "Eu sou Zé de Santa Rosa, animal de pouca fama. Eu tanto corro no seco como corro na lama. E, quando o marido chega, vou pra debaixo da cama."

Zé Hamilton descobriu a paixão pela reportagem ainda menino no interior de São Paulo. Foi no exercício da profissão, inclusive, que ele perdeu parte da perna esquerda, depois de pisar numa mina terrestre em março de 1968. Zé cobria a Guerra do Vietnã pela revista Realidade, a maior referência de grande reportagem do jornalismo brasileiro. Passados 40 anos, o caipira de Santa Rosa do Viterbo (SP) relembra o acidente e fala sobre a vida de repórter. A prosa corre sem rodeios. Como se fosse uma moda de viola.

Entrevista Bernardo Menezes
Sandra Pontes

No condomínio onde mora em São Paulo: "um dos componentes do bom jornalismo é o senso de humor"

Repórter – Explique a fórmula da grande reportagem.
GR = (bc + bf)/(t x t')^n significa que Grande Reportagem é igual a um bom começo, mais um bom final, sobre trabalho vezes talento, elevado à potência *n*. Essa fórmula não tem erro. É segui-la e se candidatar ao Prêmio Esso de Jornalismo. É preciso um bom começo, porque a demanda de leitor é muito grande, ele tem muita coisa pra ler e lhe falta tempo. Então você precisa fisgar o sujeito, jogar o anzol e segurá-lo. E manter um bom final, porque senão a reportagem descamba, não acaba, morre. É preciso fisgá-lo de tal maneira que o sujeito termine com a sensação de um bom filme. Um bom começo mais um bom final em cima do quê? T, que é trabalho, vezes T', de talento, elevado à potência *n*. O trabalho que for necessário, mais o talento que for possível, ambos elevados à potência *n*, necessária para fazer a grande reportagem. E qual é a potência necessária? Lembro que circulou na imprensa que a rainha Elizabeth tinha um carro muito especial, para evitar atentados, com uma potência quase infinita. Aí um repórter perguntou: "rainha, qual á a potência do seu carro"? E ela falou: "é a potência necessária". Então eu pergunto: quanto de talento e quanto de trabalho para fazer uma grande reportagem? O necessário.

Repórter – Em 2008, o acidente no Vietnã faz 40 anos. O episódio ainda lhe assombra?
Nos primeiros meses, aqui no Brasil, eu acordava de noite, por exemplo, para ir ao banheiro, e não tinha registrado a perda da perna. Eu levantava como se ainda tivesse as duas pernas e caia. Demorou algum tempo para o cérebro se ajustar à nova realidade. Hoje eu guardo do Vietnã um problema físico, evidentemente, mas no nível do consciente não tenho grilo. Agora, o meu subconsciente, diz minha mulher, tem de pegar com pinça... Não sei o que teria lá, que problemas eu guardaria do desastre.

Repórter – Teve medo de que o acidente causasse dificuldades profissionais?
Eu vivi três medos no Vietnã. O primeiro, de morrer, durou uns dez dias. Pior do que morrer, eu tinha a sensação de que ia morrer abandonado naquele país, ninguém ia ficar sabendo. O segundo medo foi me transformar num ser incapaz fisicamente de ganhar a vida com o próprio trabalho. O primeiro medo os médicos resolveram rápido. O segundo eu vi que conseguiria superar logo que comecei a andar com muleta (antes da perna mecânica) e a fazer minhas primeiras reportagens depois do Vietnã, nos Estados Unidos. O terceiro medo era ficar um repórter carimbado com aquela história. Por causa disso, na volta ao Brasil, comecei a participar ferozmente de todos os concursos jornalísticos. Fui atrás de prêmio de todo o tipo, me empenhava para fazer qualquer coisa independente da guerra do Vietnã.

Repórter – É possível cobrir guerra com equilíbrio?
A primeira vítima da guerra é a verdade. Na guerra, é tudo mentira. O jornalista que cobre uma guerra do seu país não é imparcial porque, no fundo, ele torce pelo seu país. É humano. E, numa guerra em que seu país não está presente, ele torce pelo que ele acha que é o lado mais fraco. Eu fiz um livro sobre o Vietnã torcendo pelos vietcongues, onde há um capítulo dizendo o que achava que deveria ser a solução: a unificação do país sob o governo comunista, que se revelou um fracasso. Estive no Vietnã de novo, no fim dos anos 90, e verifiquei que o país que ganhou a guerra de maneira heróica não soube ganhar a paz, transformou-se num país de escravos, sob um regime comunista de camisola. Um Estado policial, onde o povo vive na escravidão, da qual está saindo agora com certa abertura econômica, ironicamente promovida pelo capital internacional, principalmente o capital americano. O Vietnã é hoje um país emergente. A segunda viagem ao Vietnã doeu mais do que a primeira.

Repórter – O que leva um jornalista a se colocar numa situação de risco?
Primeiro, por um pouco de vaidade; depois, um pouco de espírito de aventura, de ambição profissional: o sujeito quer passar os degraus da carreira. Mas tem também um pouco de falta de juízo, ou melhor, muito, muito mesmo dessa visão romântica do Jornalismo que nos lega certa missão de estar onde os fatos estão acontecendo para denunciar o que vir de torpe, de crueldade, de abuso de poder, de preconceito, de sacanagem de qualquer tipo, de violência. O Jornalismo é sempre de denúncia. Jornalista que se acomoda ao poder, seja político, econômico ou corporativo, deixa de ser jornalista e passa a ser puxa-saco.

Repóter – Existe hoje algum veículo com a excelência da revista **Realidade**?
O que está faltando hoje para a grande reportagem no Brasil são empresas que apostem nela. De qualquer forma, vejo duas coisas que me alegram no momento: a revista **Piauí**, do Rio de Janeiro, e a revista **Os Brasileiros**, de São Paulo. No caso do Rio, existe essa coisa interessante de o patrão estar na redação como diretor, fenômeno que aconteceu na **Realidade**, um dos segredos de seu sucesso. O orçamento da redação sempre se esticava porque ele estava ali, e o mesmo acontece agora na **Piauí**.

Repórter – Como um repórter deve agir?
A reportagem deve ter profundidade. A melhor palavra para definir um repórter é vivência. Por exemplo, um dos paradigmas da revista **Realidade** era o seguinte: o repórter não escrevia uma linha sobre algo de que não estivesse seguro. Infelizmente, a gente vê isso no Jornalismo a toda hora, principalmente o diário. O sujeito escreve sobre uma coisa que não sabe nem direito o que é. Às vezes, até no jornal semanal porque o *deadline* (prazo de fechamento) é cruel e é preciso publicar aquilo mesmo sem tempo de checar. Agora, a reportagem não, cada linha deve ser a expressão da verdade do repórter. Talvez não seja a verdade absoluta. Eu nem sei se existe uma verdade absoluta. Mas é a verdade do repórter. Ele está afirmando uma coisa que viu, que constatou, ou que sentiu.

Repórter – O que faz um bom jornalista?
Um dos componentes do Jornalismo é o humor. O sujeito que faz Jornalismo ressentido, amargurado, se sentindo traído, se sentindo ultrapassado, passado para trás, não vira nada. O Jornalismo deve ter um ponto positivo, e uma das chaves da profissão é a vocação, pois só assim o jornalista terá condições de ir levando as dificuldades da profissão, uma profissão humilde, ainda que esteja perto do poder. Nós estamos sempre pedindo: "dê-me uma entrevista, me deixe tirar uma fotografia. Deixe filmar o senhor..." Além disso, estamos numa profissão de muita concorrência, num mercado muito restrito. Para crescer, o jornalista tem que arranhar muro com a unha. Então, se ele tiver esse lado positivo, bem humorado, fica mais fácil. Só com vocação é possível fazer uma coisa com prazer.

Repórter – Quando descobriu seu talento?
Houve um momento paradigmático. Hoje tenho certa dificuldade para andar, mas isso não é novidade porque, com nove ou dez anos, tive osteomielite na perna esquerda. Fiquei um ano usando uma só muleta, rústica, coisa de pobre mesmo. E sucedeu que caiu um aviãozinho perto da cidade. Foi um alvoroço, um acontecimento igual ao homem ir à Lua. A molecada se reuniu na rua e combinou de ir ver o avião. E lá fui eu de muleta no meio do mato. Cheguei até o avião e conversei com o piloto que estava ferido. Quando voltei para casa, o pessoal estava reunido esperando as novidades. Contei tudo e fiz o maior sucesso. Todo mundo de olho arregalado. Então senti que essa história de gostar de contar para o

outro o que vira começou no episódio do aviãozinho, ainda nos anos 1940!

Repórter – Como encara o surgimento da TV Pública?
Como diria o Lula, aí "vareia", né? Acho que a TV Pública é igual à transposição do Rio São Francisco: está atrasada em cem anos. Já devia ter sido feita. Os americanos desviaram o Rio Colorado há 200 anos e fizeram a região de deserto a mais rica do país. O brasileiro tem o direito de ligar a televisão e saber que existe uma televisão sem interesse comercial, que não depende do anunciante ou do Ibope.

Repórter – Como vê a iniciativa da UnB em reviver a Grande Reportagem?
Se o estudante de Jornalismo não exercitar a prática da grande reportagem nas escolas de Jornalismo, vai exercitar onde? Tem que fazer, quebrar a cabeça, errar, fazer de novo. Existem várias funções dentro do Jornalismo. Nem todos querem ser repórteres, como eu. Muita gente quer ser editor, chefe de reportagem, coordenador de produção, funções igualmente nobres. Agora, aquele que tem vocação para repórter deve ter a chance de trabalhar para a revista que vocês estão fazendo. Só assim vai ver se é isso mesmo o que quer, se não se atrapalha com as dificuldades. É uma iniciativa benfazeja.

Repórter – As andanças pelo mundo mudaram muito o menino do interior?
Quando fiz 50 anos de jornalismo, um estudante me perguntou numa palestra: "Zé Hamilton, o que você aprendeu nesses 50 anos de reportagem que possa passar para nós?". E eu respondi que aprendi duas coisas: em primeiro lugar, que azeitona preta é tingida. Em segundo, que, em geral, nos banheiros, a água quente é a da torneira da esquerda. Fora isso, jornalista tem que aprender sobre as coisas todos os dias, senão ele fica para trás. ♠

Um grande redórter vivencia suas matérias. Aqui ele trabalha como operário em uma fábrica durante reportagem para a revista Realidade

Na redação da Folha de São Paulo, durante visita da miss Brasil Adalgisa Colombo

Cruzando um rio no Vietña, durante a cobertura da guerra onde, segundo Zé Hamilton, a primeira vítima é a verdade

Gardel e o Pagador de Promessas

Crônica Rosângela Vieira Rocha*
Ilustração Luciana Aguirre

Com seu vestido amarelo de náilon, bolsos bordados de flores rosa e azuis, ela havia saído da matinê, sem sequer reparar no pipoqueiro. O laço de fita no cabelo, amarelo como o vestido, estava todo amassado, de tanto ser puxado durante a projeção. Conseguira pagar o ingresso com o seu próprio dinheiro, ganho com a venda dos chuchus da rama que se espalhava sobre o telhado da casa. Na véspera, vendera um balaio inteiro para uma prostituta que falava o tempo todo, a boca de coração pintada de batom roxo "vou levar esses chuchus para a minha amiga de Suassuí." É bem verdade que havia quebrado várias telhas, na ânsia de colher os mais verdinhos. Mas isso o pai mandaria consertar depois, ou ele mesmo o faria, o importante é que juntara o dinheiro do ingresso para o Cine Alvorada, em cuja parede lateral estava escrito, em grandes letras azuis, "Aqui tem ar refrigerado".

Teria nove ou dez anos, que importa, e fora assistir ao Pagador de Promessas, filme tão triste quanto bonito. Saíra do cinema sentindo frio, o corpo arrepiado, de dó e de beleza, será que era isso mesmo? Aquele homem lindo carregando uma enorme cruz, querendo entrar a todo custo na igreja de Santa Bárbara, subindo a longa escadaria quase totalmente vertical, enfiara-lhe, estômago adentro, um rolo de barbante. Mas não era só isso, havia também a vontade de colocar a personagem, o ator no colo, o homenzarrão feito, de sobrancelhas grossas como uma taturana. A vontade de mimar o ator lhe dava um desassossego, uma aflição, ela lisa como uma tábua, ainda nem usava sutiã, mais aflita ainda porque ele se parecia com o homem mais velho, seu colega de classe, que, a pedido da mãe, lhe dava aulas de Matemática. O compenetrado rapaz a quem chamava, de brincadeira, de compadre Gardel.

Voltara para casa murcha, sentindo uma grande culpa, um vazio, uma tristeza pelo pagador de promessas? Ainda chovia fininho, mas o sol começava a sair, tardiamente. Ficou um tempão na ponte de cimento olhando o rio, tentando entender.

De repente, não estava mais na sua cidadezinha, era a menina mais sozinha do mundo, não tinha a quem contar a vontade de chorar pelo pagador de promessas, tão parecido com o compadre Gardel. Queria evitar a volta para casa, para não responder às perguntas, não queria que a irmã curiosa lhe perguntasse o que achara do filme, na verdade não tinha opinião formada, só sentia muito o fato de Zé não ter podido entrar na igreja com a sua cruz, o padre não permitira, desejava poder mudar o desfecho daquela história, sonhava ser a guardiã da igreja, para abrir a porta, dizendo, "entre, Zé, descanse, ponha a sua cruz em pé, perto do banco".

Alguma coisa mudara, coisa séria, e ela não entendia o quê, olhava as ruas e as casas de outra maneira, como se não morasse ali, como se não pertencesse àquela cidade e nem a nenhuma. Só conseguia ouvir a multidão seguindo Zé, algumas pessoas rindo do homem quase nu que insistia em continuar com a cruz nas costas. O corpo bonito de Zé do Burro, parecendo mesmo o corpo de Jesus, pernas magras e ágeis, ela quase vomitando de tanta confusão entre a culpa, o remorso e a vontade de apalpar as pernas do Zé ou do próprio Jesus na cruz, morder-lhe o pescoço, antecipando o prazer que isso lhe daria.

Parava a cada rua, fingindo que procurava alguém nas casas, fazendo de conta que apreciava os botões das flores molhadas do caminho, acariciava até os pés de lampião, flor mais besta, tudo era motivo para retardar a sua chegada. O seu rosto

queimava, temia que estivesse vermelho, revelando a sua confusão interna. Zé do Burro tinha idade para ser seu pai, Jesus então nem se fala, homem mais antigo, e o compadre Gardel era um marmanjo de aliança no dedo direito, brevemente se casaria com Gracinha, colega de sala de ambos.

Contava os passos mentalmente, devagar, andando pesadamente, como se ajudasse Zé a carregar a cruz. Era isso mesmo que queria, ser a sua ajudante, defendê-lo da humilhação de tentar entrar numa igreja cujo padre não o queria, ele desprovido de tudo, sem conseguir encarar a multidão que caçoava dele, que gargalhava de puro júbilo de ver um homem ser rebaixado, mais um entre tantos.

Chegou o momento em que não podia retardar mais, sua casa era muito perto do cinema. A porta estava aberta, mas não havia ninguém em casa, às vezes a mãe saía assim, sem avisar. A água tinha invadido o pequeno corredor ao lado da casa, que chamavam de beco. Sem tirar as meias soquete brancas, pegou o rodo e foi tirar a água lamacenta do beco, fazendo várias viagens até a calçada. Depois foi para o quintal buscar a normalidade da mangueira e da horta, reparando nos raios de sol fraquinhos que começavam a sair, depois da chuva que caíra durante horas. Uma areia escura cobria tudo, brilhando como malacacheta, e ela ficou de cócoras, imóvel, suspendendo a saia rodada do vestido engomado.

Então, viu. A coisa tinha mais de dois palmos, andava – ou melhor – rastejava debaixo da areia fina, mostrando parte do corpo sem cabeça. Era branca, de um branco meio rosado, e tinha uma espécie de anéis ao longo do corpo. Uma minhoca gigante, gordona, amorfa, a coisa mais nojenta que já vira. Então era assim, a minhocaçu? Os fracos raios de sol pareciam ter-lhe restituído a coragem de mostrar a cara, a cara não, que não tinha, mas o corpo molengo.

Mudou de lugar para olhá-la, acompanhando o seu rastejar vindo das sombras da mangueira velha. Pensou em matá-la com um bambu, mas seria nojento demais descobrir-lhe as vísceras, ou fosse lá o que tivesse dentro. E de repente a minhocaçu se parecia com o Zé do Burro, engatinhando com sua cruz na escadaria da igreja de Santa Bárbara.

Ainda não tinha ido à missa, sua obrigação aos domingos. Mas sabia que não poderia ir, seria uma heresia ficar dentro da igreja pensando que as coxas de Jesus eram as do Zé maltrapilho, ou quem sabe as do compadre Gardel. Melhor fugir da missa, mentir para a mãe que já tinha ido na véspera. Jesus não perdoaria essa heresia, que podia ficar pior ainda se pensasse no umbigo dele, parecido talvez com o do Leonardo Villar, o ator que interpretava o papel de Zé do Burro, que tinha um umbigo tão bonito que lembrava a corola de uma flor. Queria poder por o seu dedo mindinho naquele furo, medindo-lhe a profundidade. Devia ser macio como copo de leite, a sua flor predileta.

Depois escutou vozes na casa, percebendo que a mãe já havia voltado, com alguma visita a tiracolo. Lavou o rosto no tanque do quintal mesmo, antevendo a cara de esfinge que teria de fazer, para passar despercebida e tratou de tirar o vestido amarelo, colocando uma calça velha.

Alegre com a companhia da visita, a mãe começou a refogar o alho para o jantar. A menina não podia pensar em comida, com ânsia de vômito. Distraída como sempre, a mãe nem lhe perguntou onde tinha ido, nem reparou nas suas súbitas olheiras. Mais tarde pôs a sopa na mesa, feita com macarrão grosso e muita pimenta do reino.

Deitada, ela fingiu que dormia, enquanto os irmãos faziam barulho, batendo as colheres nos pratos esmaltados. E imaginou que os fios compridos se alargavam dentro da panela, transformando-se em minhocaçus. Então soube que vivera uma coisa nova, ainda sem nome, que estaria grudada nela para sempre. ♠

A autora é jornalista, escritora e professora da FAC/UnB.
Conto premiado com o 3º lugar no I Concurso de Contos Literalis, de Porto Alegre.